



# Testemunho de Fé

8 a 14 de novembro de 2020 - Ano XXVIII (XX) - n° 1.187 - Edição semanal n° 1.028

GUSTAVO DE OLIVEIRA



## *Gratidão*

Nossa Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro comemora, com muita justiça e gratidão, o centenário de seu 5º arcebispo metropolitano, o Cardeal Eugenio de Araujo Sales, no dia 8 de novembro, na Catedral de São Sebastião.

PÁGINAS 6 E 7, 17 A 22, 24 E 25

# Cristofobia

O anticristianismo não é novidade no mundo. Desde os primórdios do cristianismo, cristãos de todas as idades e classes sociais foram perseguidos em qualquer parte do mundo onde se faziam presentes. Sabemos muito bem que os três primeiros séculos da Igreja foram de dura perseguição até o Édito de Milão do imperador Constantino, que em 314 concedeu a paz e liberdade de culto aos cristãos em todo o império romano. Mas, foi justamente neste período de forte perseguição que o cristianismo cresceu exponencialmente com conversões espontâneas despertadas a partir da pregação da Palavra, do anúncio do Reino e do testemunho dos mártires. Entretanto, este anticristianismo retorna com grande força como movimento político e filosófico com o advento da Modernidade, para ser mais exato, a partir do *cogito ego sum* ('penso, logo existo') de René Descartes (séc. XVII), dando aí partida a um avassalador processo de secularização da sociedade, que atingirá seu auge no Iluminismo, corrente cultural que declarava trazer as "luzes" àquilo que chamava de obscurantismo das ideias, grandemente causado pela religião, segundo seus principais defensores, como o já citado Descartes, mas ainda John Locke, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau e Voltaire.

Tal processo de secularização tem sido interpretado de maneiras diversas ao longo da história moderna: como crítica da religião, campanha ateísta, anticristã, anticlerical, descrédito das instituições religiosas, enfim, tudo de modo a diminuir a influência da religião sobre a sociedade como um todo e sobre a própria consciência dos indivíduos. Neste sentido, mais que uma emancipação

da sociedade em relação à doutrina cristã, trata-se de uma emancipação mesmo existencial, visto que religião não é somente um conjunto de doutrinas e ritos, mas realidade que confere sentido à vida, cumprindo sua missão de elevar o espírito a Deus e ressignificar relações e a própria existência.

Entretanto, na contemporaneidade percebemos uma grande busca pelo sagrado, o que tem proporcionado novas formas de religiosidade. Significaria isto uma falência do processo de secularização que chega ao século XXI desgastado e enfraquecido? Ou seria uma espécie de revanchismo da religião ou do sagrado, que ressurgem com força renovada após o vazio causado e deixado pelo secularismo, haja vista que ele levou o ser humano ao vazio e nada propôs para preencher o espaço por ele deixado? As respostas a estes questionamentos devem também elucidar o porquê do ressurgimento de movimentos políticos conservadores e de direita que oportunisticamente surfam nesta onda de religiosidade e sacralidade.

Antes de respondermos a estas questões, há que se admitir o fato de que o processo de secularização provocou uma profunda transformação da cultura, de maneira que a sociedade em que vivemos deve ser reconhecida sim como sociedade secularizada, o que não implica necessariamente no fim da religião, mas a sua reconfiguração no tecido social e na vida das pessoas, ou seja, o espaço que ela passa a ocupar nesta era secular. Até mesmo porque o secularismo, em si, em nada deve se opor à religiosidade, antes deve ser a plataforma

segura e garantidora de liberdade para que todas as religiosidades ou expressões religiosas possam ter autonomia de direito e os crentes possam se expressar livremente, cada um e coletivamente a partir do princípio de identidade religiosa.

Ocorre que esta compreensão não é a mesma de grupos e de ideologias radicais, na sua maioria de esquerda e de viés comunista ou socialista, – mas também verificável entre capitalistas e movimentos de extrema direita – que não toleram a presença cristã na sociedade, considerando-a nociva, homogeneizadora e constrangedora para mulheres, homossexuais e não cristãos. Mentira do Diabo! Para o cristianismo, depois da Santíssima Trindade, em lugar de honra e distinção, vem uma mulher, mãe e esposa, a Virgem Maria, referência para homens e mulheres; para o mesmo cristianismo, os bons cristãos devem a todos amar e acolher, pois Deus mesmo não faz acepção de pessoas, de modo que todos, independentemente de condição sexual, ou quaisquer outras condições que sejam, devem ser amados e acolhidos, assim como Cristo faz com cada um de nós.

Aqueles que não toleram a presença de Cristo, seus sinais e seus símbolos na sociedade procuram evocar os erros do pessoal da Igreja para desacreditar a pessoa da Igreja, maliciosamente confundindo o pessoal com o institucional. É evidente que o institucional se serve de pessoas para atuar. No entanto, não é justo condenar todo o Corpo da Igreja por causa do pecado de alguns membros, quando a própria Cabeça (Cristo) é santa e infalível. Em tempos de tantos sentimentos, posturas e atitudes concretas de intolerância e hostilidade, muitas vezes traduzidas como homofobia, xenofobia e até gordofobia, há que se admitir uma certa cristofobia, em que a situação já não mais se restringe à mera aversão ao cristianismo, mas à perseguição

mesmo de seus adeptos. Se há tão pouco tempo atrás a questão era restrita aos símbolos religiosos em lugares públicos, porque o Estado é laico, agora as atitudes são de real perseguição. Observemos as igrejas queimadas no Chile há alguns dias; a Basílica de Santa Sofia, em Istambul, transformada em mesquita, os atentados na França ocorridos em uma basílica da cidade de Nice com três mortos, dentre eles uma brasileira, o atentado com dois tiros a um padre ortodoxo, também na França. Isto sem falar na militância de muitos do meio jurídico, que por interpretações viciadas da lei procuram cercear o direito cidadão de livre expressão pública de culto, de propagação e apologia da doutrina cristã através da evangelização das comunidades.

O que temos afirmado até aqui não se trata de vitimização de uma religião que deixou de ser hegemônica quando já não mais existe o que chamávamos de cristandade, mas constatação de uma dura realidade que tem tornado a vida dos cristãos cada vez mais difícil e desafiadora; mais ainda a vida dos católicos, dada a sua fidelidade à radicalidade do evangelho de Jesus Cristo, que não comporta tergiversações e nem conformações ao mundo. Contudo, a Igreja Católica é a Igreja dos mártires, dos perseguidos. E é exatamente aí que consiste uma das maiores bem-aventuranças dos seguidores de Jesus: "Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus" (Mt 5, 12a).

Que estes tempos sofridos de cristofobia sejam de purificação e tão fecundos para a Igreja de Cristo como foram os três primeiros séculos de perseguição aos cristãos.

PADRE VALTEMARIO S. FRAZÃO JR.

## ATOS DO GOVERNO

**28 de outubro a 3 de novembro de 2020**

- Concedendo ao Exmo. e Revmo. Dom Edson de Castro Homem, Bispo de Iguatu, a licença

para administrar o sacramento da Confirmação na Paróquia São José, em Inhoaíba, Vicariato Episcopal Santa Cruz, no dia 10 de novembro de 2020.

- Transferindo o Pe. Henrique José da Rocha Coimbra do ofício de Vigário Paroquial na Paróquia São José Operário, em Realengo, Vicariato Episcopal

Oeste, para o ofício de Pároco da mesma Paróquia.

- Nomeando o Revdo. Pe. Fr. Anderson Adevaldo M. dos Santos, OSM para o ofício de

Vigário Paroquial na Paróquia Nossa Senhora das Dores, no Rio Comprido, Vicariato Episcopal Norte.

## PARABÊNS

O Jornal Testemunho de Fé congratula-se com todos os aniversariantes desta semana e suas comunidades

**DIA 8**

- Diác. Antônio A. F. P. de Aguiar

**DIA 9**

- Diác. José O. de Souza Bezerra

**DIA 10**

- Diác. Marcos V. Jacintho Chaves

**DIA 11**

- Pe. Elias Izaías
- Pe. José Mário de Oliveira
- Pe. Rogério A. Jesus Santos, SDV
- Diác. João Paulo S. Carvalho
- Diác. José Amâncio de Souza
- Diác. Júlio José Pinto Moreira

**DIA 12**

- Pe. Fernando M. Barbosa, CRSP

**DIA 13**

- Pe. Frei Evélio de J. Muñoz, OM
- Diác. Miguel Arcanjo Pinto
- Diác. Roberto Soares da Silva

**DIA 14**

- Diác. Elmo Irade Rosa
- Diác. Marcelo Pulcherio Lima

### ORDENAÇÃO

**DIA 8**

- Diác. Alonso Serra Frazão
- Diác. Gilberto de Lima Carneiro

- Diác. Rômulo Scelza

- Diác. Sebastião G. Clemente

**DIA 10**

- Pe. Ademir Martini, SDV
- Pe. Severino Antônio Martini

**DIA 11**

- Pe. José Mário de Oliveira

**ARQUIDIOCESE DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**  
Rua Benjamin Constant, 23 - Glória - 20241-150 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: (21) 2292-3132

**Arcebispo Metropolitano:** Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.

**Vigário Episcopal para a Comunicação Social:** Padre Arnaldo Rodrigues da Silva

**Diretor de Jornalismo da Arquidiocese do Rio:** Carlos Moioli - MTE: 0038788/RJ

**FUNDAÇÃO CULTURAL, EDUCACIONAL E DE RÁDIO DIFUSÃO CATEDRAL DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**

Rua Benjamin Constant, 23 - 7º andar - Glória - 20241-150 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 3231-3560 - Fax: 3231-3566

**Diretor Geral:** Cônego Doutor Marcos William Bernardo  
**Diretor Administrativo/Financeiro:** Padre Ionaldo Pereira da Silva  
**Diretora Jurídica:** Doutora Claudine Milione Dutra  
**Diretor Adjunto:** Diácono Claudino Affonso Esteves Filho

**TESTEMUNHO DE FÉ:** Tel.: (21) 3231-3568 / 3231-3569

**Site:** www.testemunhodefede.com.br  
**Mídias sociais:** facebook.com/jornaltf / @testemunhodefede\_ / otestemunhodefede.blogspot.com.br

**Redação e Jornalismo:** jornalismo@arquidiocese.org.br  
**Jornalista Responsável:** Carlos Moioli

**Supervisora de Jornalismo:** Marcylen Capper  
**Revisor:** Carlos Gustavo Trindade

**Diagramadora:** Elizabeth Eiras  
**Repórter Fotográfico:** Gustavo de Oliveira

**Atendimento de Publicidade:** Haroldo Nobre - Tel.: (21)

3231-3583 - **email:** haroldonobre@radiocatedral.com.br  
**Rimsky Fanticelli** - Tel.: (21) 3231-3581 - **email:** rimsky@radiocatedral.com.br  
**Deniere Freitas Fonseca** - Tel.: (21) 3231-3582 - **e-mail:** deniere@radiocatedral.com.br  
**Banca Digital:** www.otestemunhodefede.com.br

Segundo as normas internacionais sobre a propriedade intelectual e direitos autorais, recordamos aos leitores que todo o conteúdo do jornal "Testemunho de Fé" pode ser reproduzido, parcial ou totalmente, desde que seja citada a fonte. Informes publicitários e anúncios são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não cabendo ao jornal responsabilidade sobre os mesmos.

# A minha alma tem sede de vós

Estamos no 32º domingo do tempo comum, próximos de concluirmos mais um ano litúrgico, e temos a oportunidade de rever as nossas atitudes ao longo desse ano, aquilo que agradou e aquilo que desagradou a Deus. Temos a oportunidade de pedir perdão a Deus e recomeçar novamente. A partir do novo ano litúrgico que se iniciará, teremos a oportunidade de construir aqui, na Terra, o Reino de Deus e fazer aquilo que agrada a Deus. Deixemo-nos interpelar pela Palavra de Deus.

Com o final do ano litúrgico, se acende em nós a esperança da chegada do Reino de Deus com a segunda vinda de Jesus. Na plenitude dos tempos, o Senhor enviou o seu Filho Jesus para mostrar a Humanidade o quanto Ele nos ama e nos indica o caminho do amor e da fidelidade à aliança.

Por isso, no final do ano litúrgico, a Liturgia nos indica esse caminho, de aguardar confiantes e com o coração cheio de alegria a segunda vinda de Jesus Cristo. Peçamos, nessa liturgia, que o Se-

nhor venha e nos sustente cada vez mais nesse caminho de construção do Reino.

A primeira leitura (Sb 6,12-16) nos aponta o caminho para chegarmos até a “sabedoria plena”. Essa sabedoria plena é o próprio Deus. Por meio da sabedoria, Deus criou todo o universo com perfeição e amor, e criou o ser humano igualmente. O ser humano, durante a sua vida, deve estar sempre em busca dessa sabedoria perfeita. Se o ser humano quiser essa sabedoria, o guiará em todos os seus projetos.

O salmo responsorial 62(63) apresenta o desejo incessante da busca do ser humano por Deus. Essa procura do ser humano por Deus deve ser constante, assim como nos diz o refrão do salmo “A minha alma tem sede de vós e vos deseja, ó Senhor”. Buscar o Senhor é sempre o melhor caminho e procurar viver a vida retamente.

Na segunda leitura (1Ts 4,13-18), o Apóstolo São Paulo exorta a comunidade a não ficarmos tristes e desesperados diante da morte. Que, assim como Cristo ressuscitou, nós também ressuscitaremos. A vida não termina aqui na Terra, mas continua na vida eterna, onde contemplaremos Cristo face a face. São Paulo ainda diz à comunidade que devemos nos manter firmes na esperança da segunda vinda de Cristo, pois Deus trará de volta com Ele aqueles que entrarão no sono da morte e, assim como Ele, ressuscitarão de maneira plena. Aquelles que aqui ainda ficaram serão arrebatados ao alto céu, se encontrarão com o Senhor e viverão com Ele de maneira plena.

No Evangelho de Mateus (Mt 25, 1-13), Jesus conta a parábola das jovens previdentes e imprevidentes. Ou seja, as previdentes compraram óleo suficiente para deixar as suas lâmpadas acesas e as imprevidentes não compraram o suficiente e o óleo não seria suficiente para deixar as lâmpadas acesas para ir ao encontro do noivo que viria. Diante disso, as jovens imprevidentes vão pedir

às previdentes um pouco de óleo para que as lâmpadas delas não se apagassem, mas as previdentes respondem: “De modo nenhum, porque o óleo pode ser insuficiente para nós e para vós. É melhor irdes comprar dos vendedores”. E aconteceu que, enquanto elas foram comprar o óleo, o noivo chegou. E aquelas que estavam preparadas entraram para a festa, e elas não. E quando elas chegam e pedem ao Senhor para abrir a porta para elas entrarem, Ele não deixa e diz que as não conhece.

O Senhor quer nos dizer, por meio desse Evangelho, que devemos estar sempre preparados, com as nossas lâmpadas acesas para irmos ao encontro do Senhor e entrarmos para o banquete eterno. Não devemos deixar que falte óleo para abastecer a nossa lâmpada e, com isso, acontecer que não dê tempo de entrarmos para o banquete eterno.

**“Celebramos, há poucos dias, o Dia de Finados, que é uma data de esperança na vida eterna pois, após essa vida terrestre, viveremos eternamente ao lado de Deus, contemplando face a face o rosto de Cristo. No dia da ressurreição final, entraremos na glória junto com Ele”**

Sejamos sempre previdentes durante a nossa vida, irradiando luz na vida dos outros e merecendo, assim, com as nossas atitudes, entrarmos no banquete eterno. Devemos estar em



Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.  
Arcebispo do Rio de Janeiro

constante vigilância e oração guiados pela Palavra de Deus, por meio do encontro diário com Ele na Eucaristia, sustentando, assim, a nossa vida com a força que vem do Senhor.

Celebramos, há poucos dias, o Dia de Finados, que é uma data de esperança na vida eterna pois, após essa vida terrestre, viveremos eternamente ao lado de Deus, contemplando face a face o rosto de Cristo. No dia da ressurreição final, entraremos na glória junto com Ele.

Que possamos trazer em nosso coração essa certeza que a vida não acaba aqui, mas ela é uma passagem para a vida eterna. Cabe a cada um de nós estarmos, vigilantes e preparados para o dia do encontro com o Senhor, que não sabemos qual será o dia ou a hora.

Por isso, devemos viver uma vida igual a das jovens previdentes do Evangelho, irradiando luz para as pessoas e sendo sinal da presença de Deus para quem encontrarmos. Dessa maneira, guardaremos óleo para que a nossa lâmpada esteja acesa para o encontro definitivo com Ele.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

**“A Com o final do ano litúrgico, se acende em nós a esperança da chegada do Reino de Deus com a segunda vinda de Jesus. Na plenitude dos tempos, o Senhor enviou o seu Filho Jesus para mostrar a Humanidade o quanto Ele nos ama e nos indica o caminho do amor e da fidelidade à aliança”**

## AGENDA DO ARCEBISPO

### DIA 8

**10h** - Missa pelos 100 anos de nascimento do Cardeal Eugenio Sales, na Catedral de São Sebastião, no Centro

**19h** - Missa pelo aniversário da

Paróquia Santa Rita de Cássia, no Jardim dos Palmares, em Pa-ciência

### DIA 9

**18h** - Homenagem ao Cardeal

Eugenio Sales, pelo centenário de nascimento, na Academia Fides et Ratio (Evento on-line)

### DIA 12

**19h** - Missa de criação da Paró-

quia Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, na Cidade Universitária, no Fundão

### DIA 14

**9h** - Missa “O Rio Celebra” pela Se-

mana do Dia Mundial dos Pobres, na Catedral de São Sebastião, no Centro

**19h** - Missa na Paróquia São José, em Realengo

**CATEDRAL**  
FM 106,7

**Você também pode  
ouvir a Rádio Catedral  
pela internet, acesse:**

**www.radiocatedral.com.br**





96,72%

**Demonstrativo Financeiro - Outubro/2020**

| Receitas                        | Valor (R\$)       | Despesas                          | Valor (R\$)       |
|---------------------------------|-------------------|-----------------------------------|-------------------|
| Donativos Rádio                 | 464.902,64        | Salários, Férias e Rescisão       | 112.848,43        |
| Donativos Jornal                | 33.690,00         | Encargos                          | 76.367,68         |
| Propaganda e Publicidade Rádio  | 67.519,10         | Benefícios                        | 72.762,35         |
| Propaganda e Publicidade Jornal | 875,00            | Pessoal S/ Vínculo                | 30.873,71         |
| Outras Receitas                 | 13.335,77         | Gerais de Manutenção              | 11.968,74         |
|                                 |                   | Energia Elétrica, Telef. Internet | 58.344,15         |
|                                 |                   | Impressão                         | 4.183,10          |
|                                 |                   | ECAD                              | 48.369,87         |
|                                 |                   | Correios                          | 11.222,11         |
|                                 |                   | Financeiras                       | 21.860,58         |
|                                 |                   | Impostos, Taxas e Contrib.        | 18.888,70         |
|                                 |                   | Outras Despesas                   | 35.462,52         |
|                                 |                   | Equipamentos                      | 1.823,00          |
|                                 |                   | <b>Despesas Meses Anteriores</b>  | <b>182.779,64</b> |
|                                 |                   |                                   |                   |
| <b>Total</b>                    | <b>580.322,51</b> | <b>Total</b>                      | <b>687.754,58</b> |

|                      |                    |
|----------------------|--------------------|
| <b>Déficit</b>       | <b>-107.432,07</b> |
| <b>Meta atingida</b> | <b>96,72%</b>      |

Agradeço de coração o empenho dos Amigos da Rádio que neste mês de outubro nos ajudaram a chegar a 96,72%.  
Faltou pouquinho.

Reconheço o esforço, a generosidade e a disposição de cada um, o que torna possível levar adiante a bela e importante missão de evangelizar através das ondas da nossa emissora.

Começamos novembro, um mês no qual temos despesas extras com nossos colaboradores. Apesar de nossas dificuldades por causa da pandemia, conto novamente com a partilha generosa de cada um.

Quem apoia a missão também é um apóstolo, um evangelizador, um missionário, e tem os mesmos méritos. Peço ao bom Deus, com a intercessão de Nossa Senhora de Fátima, nossa padroeira, que abençoe cada um com seus dons, também sua família e seus bons propósitos.

Cardeal Orani João Tempesta

Orani João, Cardeal Tempesta, O.Cist.

# ‘Precioso dom que recebemos é um bem para a arquidiocese que, aberta à dimensão universal da Igreja, se torna sinal para os novos tempos’



Padres Marcos André e Pablo Broschek, leitores e padre Elio Baldéon

O Seminário Missionário Arquidiocesano Redemptoris Mater do Rio de Janeiro foi erigido canonicamente aos 3 de novembro de 2013 pelo nosso arcebispo Dom Orani João Cardeal Tempesta O. Cist, na Solenidade de Todos os Santos, com o objetivo de preparar na nossa arquidiocese presbíteros para a Nova Evangelização para o Rio de Janeiro, o Brasil e todo o mundo. Nesta ocasião, Dom Orani disse: “Como legado da Jornada Mundial da Juventude, o novo seminário surge com a vocação de levar o Evangelho a todas as nações, especialmente à Ásia. Precioso dom que recebemos, é um bem para a arquidiocese que, aberta à dimensão universal da Igreja, se torna sinal para

os novos tempos”.

Desde a chegada inicial dos primeiros seminaristas e formadores em dezembro de 2011, já se passaram nove anos! “Temos muitos motivos para agradecer a Deus por diversos sinais de Seu amor e Providência” – afirmou o padre Marcos André N. Silva, reitor do seminário, recordando o quanto a Igreja tem sido, de fato, uma mãe que gera pela Palavra e pelos Sacramentos para a Vida Eterna.

Além dos cursos de filosofia e teologia, pertencentes à formação acadêmica e que são realizados juntamente ao Seminário São José no Rio Comprido, os seminaristas continuam redescobrimdo a riqueza do batismo através do itinerário de

iniciação à vida cristã no Caminho Neocatecumenal e fazem um período de missão dentro e fora do Brasil antes de serem ordenados.

Os Seminários Missionários Redemptoris Mater são seminários diocesanos e missionários. São um dos inúmeros frutos da renovação desejada pelo Concílio Vaticano II, como encontramos na Presbyterorum Ordinis n. 10: “Lembrem-se os presbíteros que cabe a eles a solicitude por todas as igrejas... E onde isso se tornar necessário – por falta de clero – facilite-se não só uma funcional distribuição dos presbíteros, mas também a prática de iniciativas especiais em favor de certas regiões ou nações ou até de todo o mundo. Para essa

finalidade poderá ser útil à criação de seminários internacionais para o bem de toda a Igreja...”

Com sede no bairro da Tijuca, na Rua Conde de Bonfim, 951, o seminário conta atualmente com 11 seminaristas, provenientes do Brasil, México, Espanha e Burkina Faso, tendo já acolhido seminaristas que atualmente continuam sua formação na África, Ásia e Europa. Esta internacionalização é um fato característico do Seminário Redemptoris Mater e torna visível a missão universal da Igreja em fazer as nações discípulas de Cristo.

Durante a pandemia, o seminário transmitiu a celebração da Santa Missa semanalmente, também em espanhol e polonês. A quarentena tem sido



Dom Orani na ereção canônica do seminário, em 3/11/2013

a ocasião de voltarmos mais a Deus e criar a comunhão fraterna com ajuda da Eucaristia diária, a Liturgia das Horas, a perscrutação da Palavra, os estudos on-line e os trabalhos de biblioteca, limpeza, lavanderia e ajuda na cozinha. Neste período, os próprios seminaristas, juntamente ao vice-reitor, padre Elio Nino A. Baldeón, renovaram a pintura da Capela do Santíssimo, cuidaram do jardim e também criaram uma horta em nossa casa. Já comemos tomates, alfaces e pimentões desta horta!

No sábado, 17 de outubro, três seminaristas foram instituídos leitores, tendo já finalizado o período de discipulado (filosofia) e a itinerância (missão), cursando atualmente o 2º ano da configuração (teologia). Foi uma imensa alegria para os formadores e demais seminaristas, juntamente ao padre Pablo Dawabe, diretor espiritual, a participação neste momento tão importante da formação presbiteral! Animados pelo espírito

que o Ano Vocacional Sacerdotal nos proporcionou, informamos com alegria que a Providência Divina está preparando um dom imenso para a nossa arquidiocese:

A Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro (CNPJ 33.593.575-0001-14) torna público que requereu à Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente SCMA, através do processo nº 14/200385/2020, Licença Ambiental Municipal para construção da futura sede do Seminário Missionário Arquidiocesano Redemptoris Mater do Rio de Janeiro na Rua Cardoso Júnior, 755 em Botafogo.

Agradecemos a Deus e a todos da nossa arquidiocese pela acolhida, e pedimos suas orações, a fim de que desta Casa de Formação saiam presbíteros pobres, castos, humildes, obedientes e santos! A paz de Cristo!

**PADRE MARCOS ANDRÉ NASCIMENTO SILVA**

REITOR DO SEMINÁRIO MISSIONÁRIO ARQUIDIOCESANO REDEMPTORIS MATER DO RIO DE JANEIRO



Dom Orani e seminaristas leitores, em 17/10/2020

# Centenário do Cardeal Eugenio de Araujo Sales

CARLOS MOIOLI

Nossa Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro comemora, com muita justiça e gratidão, o centenário de seu 5º arcebispo metropolitano, o Cardeal Eugenio de Araujo Sales, no dia 8 de novembro, com missa solene de Ação de Graças pela sua vida abençoada.

Dom Eugenio nasceu em Acari, no Rio Grande do Norte, em 8 de novembro de 1920. Foi ordenado presbítero em 21 de novembro de 1943 e consagrado bispo em 15 de agosto de 1954. Foi eleito arcebispo metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro em 27 de março de 1971, tomando posse da arquidiocese em 24 de abril de 1971, e a governou até 25 de julho de 2001. Faleceu, santamente, em 9 de julho de 2012.

Desde antes de assumir o governo da arquidiocese, em 19 de abril de 2010, tenho manifestado – quer pessoalmente ao homenageado, ou mesmo visitando-o no Sumaré, ou recebendo-o no Edifício São João Paulo II quando assumi a arquidiocese – a nossa gratidão e reconhecimento pelo muito que o amado Cardeal Sales fez em favor da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Depois, tivemos a oportunidade de celebrar seus jubileus, quando, numa demonstração de unidade de todo o Regional Leste I da CNBB, e com a presença de muitos senhores cardeais, arcebispos e bispos, sempre manifestamos, nós e as demais autoridades eclesiais, civis, militares e, particularmente, as lideranças do laicato, o respeito, carinho, devoção e reconhecimento pelos mais de 30 anos de seu pastoreio em nosso meio.

Assim, o centenário do nascimento de nosso Cardeal Sales é de uma preciosidade que não caberia apenas neste artigo de ação de graças pela sua vida e pelo seu generoso ministério episcopal entre nós. Vou me ater a alguns dos principais legados do nosso homenageado:

- 1. A Obra das Vocações Sacerdotais:** desde que tomou posse como 5º arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, o Cardeal Sales dedicou especial atenção para a OVS – Obra das Vocações Sacerdotais. Ele tinha como centro de sua ação evangelizadora o fomento para com as vocações sacerdotais. Ele amava as vocações e, pessoalmente, se incumbia de promover vocações santas e numerosas para o ministério sacerdotal.
- 2. O Seminário São José:** o seminário era o centro da ação episcopal do Cardeal Sales. Visitava-o com frequência. Conhecia os seminaristas pelo nome. Celebrava sempre na Capela do Seminário São José e tinha especial predileção por esta Casa de Formação. As melhores forças que tinha eram empreendidas em favor



Cardeal Eugenio Sales e Dom Orani Tempesta, em 2010.

das Vocações Sacerdotais e do Seminário Arquidiocesano de São José. As ordenações sacerdotais eram o ponto alto de todo término do ciclo teológico. Ano a ano, as ordenações aumentavam e o coração do pastor se enchia de alegria, pois o próprio Cardeal Sales presidia as ordenações na Catedral Metropolitana.

- 3. Diaconato Permanente:** O Cardeal Eugenio Sales instituiu o Diaconato Permanente, em 1983. Em seu governo, depois de formados pela Escola Mater Ecclesiae, foram ordenados 39 diáconos, em dez turmas, de 1987 a 2000.
- 4. Refugiados no Rio de Janeiro:** Procurado por um grupo de cinco chilenos, em 1976, o então arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugenio Sales, decidiu instalar um serviço permanente de ajuda a refugiados, oferecendo abrigo e buscando encontrar um terceiro país que pudesse protegê-los. O Cardeal Sales designou a Cáritas do Rio de Janeiro para assumir essa tarefa em nome da arquidiocese, dando origem ao primeiro trabalho sistematizado de atendimento a refugiados do Brasil. Apoiado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) desde o primeiro momento, o Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio da Cáritas RJ hoje tem o respaldo do Ministério da Justiça e conta com as

parcerias de diversos órgãos, ONGs e demais instituições, atendendo a pessoas de mais de 60 nacionalidades. Em 1976, a Arquidiocese do Rio de Janeiro iniciou um trabalho pioneiro de assistência a refugiados que chegavam à cidade. Eles vinham de países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai, fugindo da perseguição política exercida pelos regimes militares da época. Como o Brasil também estava sob governo militar, o Rio de Janeiro servia apenas como rota para que os refugiados chegassem à Europa. Graças à visão do Cardeal Sales, teve origem o primeiro trabalho sistematizado de atendimento a refugiados no Brasil. Muitos foram os projetos implantados, como a Casa de Acolhida, o Curso de Português, os Grupos de Orientação, Mares, Refugiados nas Escolas etc.

- 5. Banco da Providência:** o Banco da Providência, criado em 1959 por Dom Helder Câmara. A instituição recebeu o nome de 'Banco', pois naquela época a população de situação vulnerável não tinha acesso aos bancos do sistema financeiro. Nasce o Banco da Providência com a missão de contribuir para uma sociedade de maior igualdade, em que mesmo os mais sem oportunidades tivessem "um banco" para chamar de seu! E, ao longo de mais de meio século, é uma referência no atendimento às

demandas sociais. O Banco da Providência é uma organização social sem fins lucrativos que, há 59 anos, trabalha para contribuir na redução da desigualdade social e colaborar na defesa dos direitos de jovens, adultos e famílias que vivem em situação de pobreza extrema, na cidade do Rio de Janeiro, através de projetos de capacitação profissional e geração de renda. A ação estratégica está concentrada em cinco bairros que abrangem 60 comunidades com os mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Esta obra foi uma das atividades caritativas que contou com total apoio do Cardeal Sales nos 30 anos de seu profícuo governo pastoral, quando ele, pessoalmente, se empenhava na realização da Feira da Providência a fim de levantar recursos para alavancar a ação do Banco da Providência.

- 6. Visita Apostólica do Papa João Paulo ao Rio de Janeiro em 1980:** o Papa João Paulo II pousou no Rio de Janeiro, às 16h40 do dia 1º de julho de 1980, proveniente de Belo Horizonte, sendo recebido pelo seu fraterno amigo, o Cardeal Eugenio de Araujo Sales. Seguiu para o Aterro do Flamengo onde celebrou a Santa Missa. O dia 2 de julho iniciou-se com visita ao Vidigal. Começou às oito da manhã. Na comunidade, o Papa inaugurou a Capela de São Francisco

de Assis, construída, em mutirão, pelos moradores. “Vim aqui, não por curiosidade, mas porque amo vocês e lhes quero bem”, declarou o Pontífice em seu discurso. Depois de abençoar a capela, quebrou o protocolo ao presentear a comunidade com o seu anel episcopal, e entregou-o ao padre Coelho, coordenador da Pastoral das Favelas. Dias depois, Coelho confiou a joia ao frei Benjamin Remiro Diaz, da Paróquia Santa Mônica, no Leblon. Feito de ouro maciço, ele tem 18 quilates e pesa 21 gramas. O anel não foi vendido, nem leilado. Dom Eugenio achou melhor guardá-lo no Museu de Arte Sacra, onde está até hoje. Ainda no Rio, João Paulo II celebrou uma missa campal para um público estimado de um milhão de fiéis no Parque do Flamengo. Um coral de 2,5 mil vozes recebeu o Papa, ao som de “A bênção, João de Deus”, música-tema da visita escrita pelo jornalista Péricles de Barros e composta pelo maestro Moacyr Maciel. A canção foi escolhida através de um concurso realizado pela Arquidiocese do Rio. “O Burle Marx não gostou de saber que uma missa seria celebrada no Aterro do Flamengo. Tinha medo de que a multidão destruísse as árvores do parque. O que fizemos? Cada paróquia disponibilizou 15 jovens que montaram um cordão de isolamento ao redor das árvores. Tudo terminou bem”, festejou Maria Christina. No Maracanã, 150 mil pessoas assistiram à ordenação de 76 novos padres. Dois deles eram do Rio: Manuel Manangão, hoje vigário episcopal para a Caridade Social da Arquidiocese do Rio, e Silas Vianna, hoje cura da catedral militar Rainha da Paz, em Brasília (DF). Em sua visita, João Paulo II agendou encontros com padres, bispos, religiosas, operários, índios e até cientistas, no Centro de Estudos do Sumaré, no Rio Comprido, zona norte do Rio.

**7. Religiosas nas Paróquias:** uma das inovações que Dom Eugenio fez foi a nomeação de religiosas e consagradas para gerirem as paróquias como administradoras. Esta experiência foi pioneira, mesmo havendo um pároco padre, elas é que animavam efetivamente a vida das comunidades. Ainda encontrei aqui no início da missão algumas comunidades nesta inovadora e exitosa iniciativa de nosso homenageado.

**8. A Santa Missa em Seu Lar:** A Santa Missa em seu Lar foi iniciada em 1963 pelo Cardeal Jaime de Barros Câmara. Quando Dom Eugenio sucedeu ao falecido Cardeal Câmara, passou a celebrar a missa todos os domingos. Depois, a missa passou a ser transmitida pela Rede Globo e terminava sempre com o programa “A Voz do Pastor”, de natureza teológica e formativa, em que o Cardeal Eugenio Sales entrava todos os domingos nos lares dos cariocas e dos brasileiros em geral. Muitos de nós assistimos,

com alegria e entusiasmo, a pregação dominical do Cardeal Sales.

**9. Formação dos religiosos e das religiosas:** Dom Eugenio sempre deu singular importância para a formação dos religiosos, das religiosas e dos consagrados. Seu bispo auxiliar Dom Karl Josef Romer ficou encarregado de acompanhar a vida religiosa e consagrada, e, em seu nome, muito colaborou para a formação permanente e a capacitação de nossos religiosos e consagrados.

**10. Pastoral do Menor:** A Pastoral do Menor foi fundada em 1984 pelo Cardeal Eugenio Sales para ajudar as crianças mais sofridas da arquidiocese. Buscando a promoção e a defesa da criança e do adolescente, desrespeitados em seus direitos humanos. E ela tem, desde o início, como missão: “Promover e defender a vida das crianças e dos adolescentes empobrecidos e em situação de risco pessoal e/ou social desrespeitados em seus direitos fundamentais”.

**11. Pastoral das Favelas:** Com a Pastoral das Favelas, Dom Eugenio foi fundamental para impedir a remoção de moradores da Favela do Vidigal. Em artigo publicado no site da CNBB, eu afirmei que Dom Eugenio não fez apenas discursos em defesa dos pobres: “Na prática, no dia a dia, no socorro de suas necessidades e na sua colaboração profissional, ou seja, a sua promoção. O Cardeal Sales, silenciosamente, como ele gosta de dizer, protegeu os moradores, ajudou-os materialmente e foi sua voz [...]”.

**12. Curso para os Bispos:** A Arquidiocese do Rio de Janeiro tem uma tradição, que vem desde a época do Cardeal Dom Eugenio Sales, em 1990, de proporcionar, no período de férias, no início do ano, um encontro para bispos. É um trabalho que a arquidiocese faz com muita alegria, e vemos que tem sido cada vez mais procurado pelos bispos. O primeiro curso teve como conferencista principal o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Joseph Ratzinger (futuro Bento XVI). Dom Eugenio pensou neste curso como atualização, encontro e convivência dos bispos que, refletindo a cada ano acerca de assuntos atuais da vida da Igreja, sempre podem desfrutar de um momento de atualização, descanso e conagração episcopal. Os cursos continuaram no governo do Cardeal Scheid e, também, agora conosco.

**13. Testemunho de Fé:** Criado em 1992, o jornal “Testemunho de Fé”, de maneira ininterrupta, desde a sua fundação é o órgão oficial da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Dom Eugenio fez questão, desde a sua fundação até a sua renúncia, de publicar todas as semanas o seu artigo que versava sobre doutrina, fé, moral, formação e ação pastoral.

**14. Rádio Catedral FM:** A Rádio Ca-

tedral 106,7 FM foi fundada em 8 de dezembro de 1992 pelo Cardeal Eugenio Sales, para ser a emissora oficial da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Ele mesmo deu a bênção inaugural da nova emissora com a presença do então governador Leonel de Moura Brizola. Sob o auspício de Nossa Senhora de Fátima, a primeira e única emissora católica FM da Cidade Maravilhosa alcança todo o Grande Rio e cidades circunvizinhas, levando a todos esses lugares a Palavra de Deus através da veiculação de músicas católicas, entrevistas, debates, programas de formação catequética e doutrinal, informação e entretenimento, além de variados momentos de oração (Ângelus, santa missa e recitação do terço em comunidade, Terço da Misericórdia e Terço da Providência).

**15. 2º. Encontro Internacional das Famílias em 1997:** São João Paulo II retornou ao Rio de Janeiro para presidir o II Encontro Mundial das Famílias: 1997 (4-5 outubro) Rio de Janeiro (Brasil) que teve como tema: “A família: dom e compromisso, esperança da Humanidade”. O Papa São João Paulo II chegou ao Rio de Janeiro em 2 de outubro de 1997. No dia 4, presidiu Santa Missa Solene na Catedral Metropolitana com os bispos, clero, religiosos, religiosas, representantes do Congresso Teológico-Pastoral. Depois, houve a festa Testemunho das Famílias com o Papa. No dia 5 de outubro, teve a Missa Campal com as Famílias, no Aterro do Flamengo. Nesta ocasião, o Papa São João Paulo II dirigiu uma Carta aos Enfermos do Instituto Nacional do Câncer e aos Presos do Presídio Frei Caneca. Dom Eugenio Sales tinha especial amor pelas famílias, e este Encontro Internacional foi um dos grandes marcos de seu episcopado.

**16. Cursos para as lideranças leigas no Sumaré:** Uma das principais preocupações do Cardeal Sales foi a formação dos leigos e leigas. Empenhou-se pessoalmente na capacitação dos leigos no Centro de Estudos do Sumaré.

**17. Fidelidade ao Papa:** O Cardeal Sales foi eleitor nos conclaves que elegeram o Papa João Paulo I e o Papa São João Paulo II. Ele presidiu a Missa proelegendo Pontífice do Conclave, que elegeu o Papa Bento XVI. Uma das suas características marcantes era a irrestrita e absoluta fidelidade aos Papas, desde Pio XII que o escolheu ao Episcopado, passando por São João XXIII, Beato Paulo VI, João Paulo I, São João Paulo II e Bento XVI. Uma questão digna de nota é que Dom Eugenio participou de todas as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II e sempre foi um grande entusiasta e promotor das reformas conciliares.

**18. Fidelidade doutrinária:** a correção doutrinária de Dom Eugenio pode ser resumida em seu testamento: “Dirijome em primeiro lugar a Deus a quem

me entrego inteira e absolutamente. Consagrei-me à Igreja e renovo essa doação integral. Nunca me arrependi de tê-la feito. Tudo o que escrevi, disse e ensinei fica submetido ao Magistério eclesial. Deverá ser corrigido, em caso de discrepância da minha parte. Reafirmo minha Fé Católica. Creio em tudo o que a Igreja ensina e como ela ensina. Proclamo a plena aceitação do Mistério da Trindade, da Encarnação, Redenção e demais que são parte do conteúdo de nossa Doutrina. Quero morrer sempre fiel ao Papa, Sucessor de Pedro. Não levo mágoas. Peço perdão a quem ofendi. Procurarei reparar os sofrimentos com minhas orações. Aceito plenamente a vontade de Deus (...). No céu, onde espero ser acolhido por meu Pai, o Senhor Jesus e Maria, procurarei retribuir tudo que recebi”. (Rio, 7/10/2003). Leia mais: <https://domeugeniosales.webnode.com.br/news/palavras-do-testamento-de-dom-eugenio/>

Dom Eugenio tinha como lema episcopal “Impendam et Superimpender” (“De bom grado me gastarei e me desgastarei em favor de vós”). Ele marcou a Igreja e o Brasil com suas obras em favor dos mais pobres. A vivência radical deste lema fez do cardeal um pastor que cuidou do rebanho, enfrentou os lobos e se tornou um sinal não só para a Igreja, mas para toda a sociedade. Aprendi muito com o jeito silencioso de agir de Dom Eugenio, que o levou a algumas incompreensões. Mas a sua verdadeira coroa de glória foi sua profunda conformidade com Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos testemunhas de que esse irmão guardou a fé até o fim dos seus dias. Dom Eugenio se consumiu por inteiro. Deu de muita boa vontade o que era seu.

O centenário do Cardeal Eugenio de Araujo Sales é a viva demonstração de que somente a fidelidade à Santíssima Trindade, em conformidade com a Escritura e a Tradição, autenticamente interpretadas pelo Magistério da Igreja, nos dão forças para evangelizar o mundo, mesmo remando contra todas as incompreensões, mas com os olhos fixos no céu, nossa morada definitiva!

Que da pátria celeste, Dom Eugenio interceda por todos nós, clérigos, religiosos(as) e leigos, especialmente pelos mais necessitados, que são também os preferidos de Deus. De tudo o que acabamos de ler, fique-nos, da vida de Dom Eugenio, a grande lição viva daquilo que São Paulo, o grande apóstolo missionário, proclama: “Deus ama quem oferta com alegria” (2Cor 9,7). Mais: parafraseando o mesmo Apóstolo, nosso antigo cardeal poderia, talvez, nos pedir hoje: “Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Cor II,1), ou seja, “tenham coragem! Se eu, com a graça de Deus que a ninguém falta, consegui, vocês também conseguirão!” Assim seja!

# 'Nosso fim último é Deus, o cemitério é apenas um lugar onde repousam nossos corpos à espera da ressurreição no final dos tempos'

*No Dia de Finados, Dom Orani rezou e homenageou os falecidos vítimas da Covid-19, pediu luz para os cientistas que buscam a cura da doença, incentivou a preservação ambiental e inaugurou dois memoriais.*

CARLOS MOIOLI



Bênção da Pira da Esperança, no Cemitério São Francisco da Penitência, no Caju

“Celebramos na intenção de todos os falecidos, porque cremos na vida eterna. O Senhor que morreu na cruz por nós, ressuscitou, está vivo, Ele que é o caminho, a verdade e a vida. Buscamos a Jerusalém celeste que começa aqui e agora com a presença de Deus, mas que se plenifica na eternidade. Nosso fim último é Deus, o cemitério é apenas um lugar onde repousam nossos corpos à espera da ressurreição no final dos tempos”, disse o arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Orani João Tempesta, ao presidir, logo de manhã, missa campal em comemoração aos fiéis defuntos, no Cemitério São Francisco da

Penitência, no bairro do Caju, no dia 2 de novembro.

Na missa organizada pelo assistente eclesiástico do Ministério da Consolação e Esperança, padre Pedro Paulo Alves dos Santos, o arcebispo convidou os fiéis presentes, os distantes, os que acompanhavam a celebração pelas mídias digitais a entregarem seus falecidos a Deus, que partiram num momento difícil em função das restrições da pandemia.

“Estamos unidos a todos as famílias que perderam seus entes queridos nos últimos meses, desde o começo da pandemia do coronavírus. Sabemos do sofrimento que

cada uma passou e da dor que ainda permanece. Além de serem impedidas de ficarem próximas de seus familiares no período de internação, também foram tiradas as oportunidades de realizar velórios dignos, como de costume, de ter um tempo para as despedidas. Nesta celebração, que se reveste de fé e esperança, convidamos a todos para fazer a experiência da consolação que vem de Deus e entregar em suas mãos os familiares falecidos”, disse.

Dom Orani também rezou pelas vítimas da Covid-19 e por todos os profissionais da Saúde, tanto pelos que deram a vida na missão e pelos que

GUSTAVO DE OLIVEIRA



Dom Orani incentiva a preservação ambiental plantando uma muda de jequitibá-azul no Jardim in Memoriam

CARLOS MOIOLI



Inauguração do Memorial DNA Humano, no Cemitério São Francisco da Penitência, no Caju

continuam na linha de frente nos hospitais, cuidando dos pacientes. De forma especial, rezou para iluminar os cientistas e pesquisadores que buscam a cura para a Covid-19, que já provocou 160 mil mortes e infectou mais de 5,5 milhões de pessoas no Brasil. O arce-

bispo também acendeu uma pira, denominada de Chama da Esperança, que foi entregue a pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com sede no Rio de Janeiro, na pessoa de sua presidente, Nísia Trindade Lima, presente à celebração.

FOTOS: GUSTAVO DE OLIVEIRA



Oração na Quadra dos Padres



Inauguração do Memorial Reencontro, no Cemitério Jardim da Saudade, em Sulacap



Oferta de flores aos defuntos indigentes do Cemitério Santa Cruz

“A pandemia foi uma oportunidade de pensar no sentido de nossa vida, de buscar respostas de sua razão. Mesmo diante do sofrimento e da morte, a resposta é Jesus Cristo, que dá sentido à nossa vida e à nossa eternidade. Neste momento diferente que estamos passando, no qual a sociedade vive a expectativa de encontrar uma solução para o fim da pandemia, somos convidados a confiar no Senhor e a rezar pelo futuro da Humanidade, através dos

pesquisadores. Que o trabalho de pesquisa seja abençoado com a luz de Deus, e que na prudência e no conhecimento, de acordo com a ciência, eles possam encontrar caminhos para uma vacina”, disse o arcebispo.

Ao recordar a Encíclica “Fratelli Tutti”, do Papa Francisco, lançada no dia 4 de outubro deste ano, Dom Orani destacou que a pandemia também está sendo uma oportunidade de aprendizado para viver a fraternidade, a

comunhão, a ajuda mútua. Ele disse que além de um prato de comida, deve haver presença, proximidade, de caminhar com o outro de mãos dadas.

“Somos filhos de Deus enquanto batizados, cristãos. Ao mesmo tempo, todos nós fomos criados por Deus e, portanto, somos todos irmãos. Muitas pessoas desejam o mal, vivem ainda como se fossem inimigas uma das outras. Nos últimos acontecimentos mundiais, vimos, com tristeza, cristãos na França serem assassinados, e no Chile, igrejas sendo incendiadas. Precisamos aprender a olhar o outro como alguém que merece o nosso respeito, a nossa fraternidade, mesmo que ele professe outra fé, ou que tenha uma opinião política ou ideológica diferente. Somos irmãos, pertencemos à mesma Humanidade, vivemos no mesmo planeta, na mesma Casa Comum”, disse o arcebispo.

Após a missa, Dom Orani plantou uma muda de jequitibá-açu (Cariniana ianerensis) no Jardim in Memoriam, árvore-símbolo do Rio de Janeiro, uma espécie que está em extinção e representa a perpetuidade, a evolução da vida, um convite à preservação do meio ambiente e uma resposta contra as queimadas nas florestas do país.

A iniciativa do plantio, que tem como slogan: “É tempo de cuidar da saudade e da Casa Comum”, foi sugerida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pela Cáritas, e está sendo realizada desde o começo da pandemia da Covid-19, com o objetivo de estimular diversas iniciativas de cuidado com o próximo.

Em seguida, o arcebispo inaugurou o DNA Humano, o primeiro columbário-jardim ao ar livre do Rio e segundo do Brasil. Ele ouviu da arquiteta Crisa Santos, criadora da obra, uma explicação sobre o espaço, que é um convite à reflexão e conexão com as pessoas que partiram. O monumento tem 30 metros de extensão, está instalado numa área verde de mil metros quadrados e é formado por 157 estruturas tubulares de três a seis metros de altura que desembocam num espelho d’água, de onde sai um banco de concreto. A arquiteta se inspirou para desenvolver o projeto na sequência de Fibonacci, o mais talentoso matemático ocidental da Idade Média.

## QUADRA DOS PADRES

No Cemitério São Francisco Xavier, também no Caju, Dom Orani visitou a Quadra dos Padres, pertencente à Venerável Irmandade de São Pedro dos Clérigos.

Junto com o clero e os fiéis que estavam em oração, Dom Orani fez memória de todos os sacerdotes sepultados na Quadra dos Padres e também pela cidade.

“Recordamos e rezamos pelo descanso eterno de nossos irmãos sacerdotes, presentes nesta cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação, há mais de 450 anos. Eles deram suas vidas pela evangelização e missão, e ajudaram a consolidar a Igreja e esta grande cidade. São tantos pelo tempo e pela história, e muitos deles nós conhecemos os nomes, sabemos quem foram. Cremos na vida que não termina no cemitério, na morte, e por isso pedimos por todos eles, que o Deus da paz conceda a cada um a luz eterna”, disse.

Na companhia do bispo auxiliar emérito Dom Assis Lopes, do vigário episcopal do Vicariato Urbano, padre Wagner Toledo, do reitor do Seminário Arquidiocesano de São José, cônego Leandro Câmara, e do pároco da Paróquia São João Paulo II, no Caju, padre Marcelo Henrique Freitas da Silva, o arcebispo deu bênção e colocou uma coroa de flores no cruzeiro da Quadra dos Padres, onde repousa os restos mortais do fundador do cemitério, padre José Luiz de Oliveira, falecido no dia 18 de junho de 1866.

## MEMORIAL ÀS VÍTIMAS DA COVID-19

Ainda na parte da manhã, no Cemitério Jardim da Saudade, em Sulacap, na zona oeste do Rio de Janeiro, Dom Orani inaugurou memorial pelas vítimas da Covid-19.

A inauguração, que teve um enorme balão vermelho de onde caíam pétalas de rosas sobre os túmulos, contou com a presença de dezenas de fiéis, e do pároco do bairro, da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, padre Roberto Pereira de Magalhães.

Antes da bênção, a administradora do Grupo Jardim da Saudade, Fabiane Bezerra, explicou que o memorial, denominado de Reencontro, é um espaço para celebrar as vidas que foram interrompidas pela Covid-19. Uma homenagem do cemitério para os familiares que não puderam se despedir

de seus entes queridos, devido às restrições de segurança e distanciamento impostas pela pandemia.

“É um monumento em forma circular porque ele representa o abraço e o encontro que não pôde ser realizado. Em cada coluna colocamos uma palavra, como fé, esperança, saudade, memória, entre outras, que significa os sentimentos de amor dos familiares. O lago, no centro do memorial, também em forma circular, representa o ciclo da vida e reflete o céu que é para onde acreditamos que nossos entes queridos foram. No fundo do lago, encontram-se gravadas as palavras ‘A lembrança é uma forma de encontro’, do poeta Khalil Gibran, convidando a um eterno encontro”, disse.

Segundo Fabiane Bezerra, a obra é da designer Priscila Bodin, e foi produzida pelo estúdio Mancha Gráfica. “É um memorial ecumênico, de celebração da vida e de acolhimento de todas as pessoas que perderam seus entes queridos”, completou a administradora.

## ORAÇÃO E HOMENAGEM AOS INDIGENTES

No começo da tarde, Dom Orani esteve no Cemitério Santa Cruz, no bairro de Santa Cruz, também na zona oeste da cidade.

Junto com o vigário episcopal do Vicariato Santa Cruz, padre Luiz Carlos Pereira, o arcebispo rezou por todos os defuntos indigentes, concluindo com a oferta de flores em uma das centenas de covas rasas, no chão seco, diferenciada apenas com um número pintado de cor preta numa pequena cruz de cimento.

“Nos cemitérios há sempre um espaço para os indigentes, e o maior deles fica em Santa Cruz. São pessoas que, provavelmente, tiveram suas vidas marcadas pela pobreza e pelo sofrimento, e acabaram morrendo nesta grande cidade, sem que alguém conhecesse o nome, a história. Nem mesmo os familiares, se tiveram, ficam sabendo onde estão sepultados, e por isso esses mortos nem foram velados. Fica apenas um número, mas Deus conhece cada um pelo nome. O ato de rezar e ofertar flores, simbolicamente, em um das covas, é uma maneira de manifestar a proximidade e o carinho da Igreja”, explicou o arcebispo.

# CLASSIFÉ

OS CLASSIFICADOS DO JORNAL TESTEMUNHO DE FÉ

LIGUE E ANUNCIE:

## 3231-3580



**VANDER COSTA**  
ADVOGADO

☎ (21) 99776-0406 ☎ (21) 3357-8191

✉ vander.advo@gmail.com

Av. Treze de Maio, 23, sala 1935

Centro, Rio de Janeiro - RJ



**PRODUTOS RELIGIOSOS**  
**VELAS DECORATIVAS**

**PALÁCIO DAS VELAS**  
Av. N. Sra. de Copacabana, 504 Ljs. C/D  
(em frente a Paróquia de N. Sra. de Copacabana)  
Tel.: 2548-1725



Tem anjos voando em todo lugar...  
...agora na Tijuca!

**ARCANJO MIGUEL**  
**DA TIJUCA**

Há 12 anos recebendo graças

**Artigos Religiosos Católicos**

Terços, Medalhas, Livros, CD's,  
Mensagens, Imagens e Bíblias.

Rua Conde de Bonfim, 255 - lj. 117  
Tel.: 2196-0217



**A sua Livraria Católica**  
**em Jacarepaguá.**

Telefone: 2051-9646 / WhatsApp: 99380-7798  
Estrada do Rio Grande, 1989 Taquara - Jacarepaguá

## SUA HISTÓRIA DÁ UM LIVRO?

Se ainda não está escrita, gravamos  
sua voz e transformamos em livro.

**Biografia, conto, poesia etc**

livrolindoeditor@gmail.com

www.livrolindoeditor.com.br

**3228-8918 e 99893-2202**



Paróquia Nossa Senhora de Copacabana  
Rua Hilário de Gouveia, 36/ 9º andar  
Copacabana  
www.facebook/combompastor



Neste momento ajudem a  
**Comunidade Emanuel**

**EM SUAS NECESSIDADES URGENTES,**

adquirindo os livros de

Dom Cipriano em nossa loja virtual

www.domcipriano.org.br

ou pelo Whatsapp (21)99480-4830

Na Comunidade Emanuel - Rua Cortines Laxe, 2 - Centro

**Informações - (21) 2263-3725**



aguacanceonova.com  
contato@aguacanceonova.com  
(12) 3186-2100

*Eu, Serva de Maria...*  
*Por que não?*



*Jovem...*  
*O chamado é de Deus,*  
*mas a resposta é sua.*  
*Seja você também uma*  
*Serva de Maria do Brasil.*

svsmb@servita.com.br www.servita.com.br

## ALUGUEL DE APARTAMENTO

Apto. 140m2 - com garagem  
04 quartos / 04 banheiros  
(02 são suítes)  
semi mobiliado

A 01 quarteirão do Ed. João Paulo II  
(Arquidiocese)

**Informações: (21) 99869-7170**



(Vozes Masculinas)

Músicas do Gregoriano ao Canto Erudito

Sacro e Secular, Folclóricas e Populares

**VENHA PARTICIPAR**

Ensaaios às terças-feiras de 19:30h às 21:30h

Rua Buarque de Macedo 26/301

Contato: 21 9 9972-3020

Raimundo Monteiro - Coordenador



A ACN É UMA PONTE  
QUE LIGA ÀQUELES QUE  
PODEM AJUDAR COM  
ÀQUELES QUE PRECISAM DE  
*ajuda*

**SEJA UM BENFEITOR!**

ACN.ORG.BR/SEJA-UM-BENFEITOR

OU ACESSO O QR CODE



**OSSUÁRIO DA CATEDRAL**  
**DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO**



Capela das Almas

Existe um ambiente propício de paz, oração e meditação para acolher os  
restos mortais dos entes queridos e de todos nós, a espera da ressurreição.  
Na Capela das Almas, missa às 12h todas as segundas-feiras.

Av. República do Chile, 245 • Centro - Rio

Ligue: 2240-2669 • 2240-2869 • 2262-1797 • 98212-7672

www.ossuariodacatedral.com.br



**SEJA AMIGO**  
**DA RÁDIO**  
**21 3231-3560**



**Curso presencial**  
**de namoro**  
**católico**  
**no centro do Rio**

**INFORMAÇÕES**

**amorjuvenil.com.br**

**Albino Pellizzon**



**10 MÚSICAS INÉDITAS**

1. NOSSA SENHORA  
DE FÁTIMA

2. TUA PRESENÇA,  
SENHOR

3. DOIS MIL ANOS  
APENAS

4. PRECE PELO  
SACERDOTE

5. VEM, SENHOR  
JESUS

6. TE PEÇO PERDÃO

7. OH, MEU DEUS!

8. HOMENAGEM AO  
CRISTO REDENTOR  
(80 ANOS)

9. NOSSA SENHORA

**GARANTA JÁ O SEU CD! LIGUE 99765-9145**

**LANÇAMENTO**

**Acompanhe a Rádio Catedral**  
**nas redes sociais!**

**CATEDRAL**  
FM 106,7



**OUÇA NA RÁDIO CATEDRAL FM 106,7, DE SEGUNDA A SÁBADO**

*"No Colo de Jesus e Maria"*

Com Pe Marcelo Rossi  
Das 8h às 9h

**CATEDRAL**  
FM 106,7

Departamento Comercial  
**3231-3580**

*"Experiência de Deus"*

Com Pe Reginaldo Manzotti  
Das 10h às 11h

# Balduíno de Ford: Os santos herdarão a Terra

Balduíno nasceu por volta de 1120 em Devonshire, Inglaterra. Depois de estudar em Exeter, diocese cujo bispo o protegeu e promoveu, a ponto de iniciar uma promissora carreira eclesiástica. Em 1169, Balduíno tornou-se monge na abadia cisterciense de Ford, e, anos mais tarde, em 1775, abade da mesma abadia. Eleito bispo de Worcester em 1180, em 1184, Balduíno tornou-se arcebispo de Cantuária e primaz da Inglaterra. Escreveu mais de uma dúzia de obras, dentre as quais se destacam: o “Tratado sobre a Vida Cenobítica”, produzida provavelmente no período de Ford, e um conjunto de tratados curtos ou sermões sobre os mais variados temas da vida cristã. Em seus escritos, abundam temas como o amor e a caridade, que se tornaram objeto de profunda reflexão em sua época, como vimos em artigos anteriores sobre Ricardo de São Vítor e Elredo de Rievaulx. O que Balduíno nos propõe, com base em suas leituras da Escritura e dentro de uma teologia monástica, é a santidade. Nada mais apropriado para estes dias em que celebramos a Solenidade de Todos os Santos.

Neste caso, concentraremos este breve artigo na bem-aventurança da mansidão e na comunhão dos santos: “os mansos herdarão a terra”.

A segunda bem-aventurança, reportada por Mateus 5,4, surpreende por prometer a terra aos mansos. Para além das questões exegéticas que a passagem suscita, ao longo da história a Igreja, muitos santos comentadores e pregadores das Escrituras encontraram aí uma mensagem profundamente evangélica e, como toda bem-aventurança, esta também caracteriza os santos de Deus.

O Sermão 10 (ou Tratado IX-II), que trata da bem-aventurança da mansidão, relaciona-a, como era comum, a outras passagens das Escrituras. Nesta primeira abordagem, visamos a esclarecer o sentido da herança prometida nessas palavras de Cristo. Vejamos a fonte bíblica. O Salmo 36, 29 reza: “os justos possuirão a terra e nela habitarão para sempre”. E Jeremias 22, 29: “Terra! Terra! Terra! Escuta a palavra de Iahweh”. No salmo, a terra aparece como prêmio; no segundo, personificada, a terra surge como a destinatária da herança, a qual, como herdeira, deve ouvir o Testamento, “escuta a palavra de Iahweh”. A passagem de Jeremias é, contudo, uma advertência. Com vaidade, a terra é amada pelos homens, embora, eles mesmos sejam filhos da terra. Há aqui um paradoxo que Balduíno explora para esclarecer o sentido espiritual da terra: ela é perdição do homem e, ao mesmo tempo, é sua herança. Em contrapartida, a história bíblica oferece-nos uma variada espiritualidade



<https://www.crossroadsinitiative.com/wp-content/authors/Baldwin-165.jpg>

da terra a partir do ato frequente de uma pessoa ou mesmo um povo sair de sua terra para habitar outra. Não foi exatamente o que fez Abraão? Existe, pois, uma terra de saída e uma terra de promessa. Não foi assim também com Moisés? Na terra prometida tem início uma nova vida. Ela é a herança dos justos ou dos santos. A terra não é somente o nosso espaço geográfico, mas também os homens, também os nossos hábitos e emoções, sobretudo a ira em oposição à mansidão. A ira é a terra a ser abandonada, a mansidão, a terra a ser conquistada.

Contudo, se há duas terras, aquela que abandonamos e a que herdaremos, o convite que a Escritura nos faz é para nos dirigirmos à terra da herança, saindo da condição da terra em que nascemos. Em outras palavras, deixar a vida antiga para uma nova vida. Trata-se de uma passagem ou de muitas passagens, de terra em terra, até a terra prometida. Como Jesus Cristo, que, com sua Páscoa, herdou toda a terra, assim será a herança dos mansos, pois foi Ele mesmo que disse: “aprendei de mim...”. Efetivamente, os mansos herdarão a terra, pois sua paciência conquista até seus maiores opositores. E esta é uma pequena páscoa que se consuma na páscoa da mansidão, que é a Páscoa de Jesus.

Há mais a dizer: a páscoa, em qualquer nível de passagem, se dá em comunhão, pois é a passagem do povo para um novo modo de vida, ou para um novo “reino”. Por isso, Balduíno fala também em vários níveis de comunhão, como

vários níveis de páscoa: “Em última análise, existem três comunhões: a comunhão da natureza, à qual se anexam a comunhão de culpa e da ira; a outra é a comunhão da graça; e, finalmente, a da glória. A comunhão da graça começa a reparar a comunhão da natureza, ao excluir dela a comunhão de culpa. A comunhão da natureza será reparada pela comunhão da glória, quando dela se excluirá completamente a comunhão da ira, quando Deus enxugará toda lágrima dos olhos dos santos. Então, todos os santos terão um só coração e uma só alma; tudo será entre eles comum, e Deus será tudo em todos”. “Tratado sobre a Vida Cenobítica”, 12. Essa comunhão de todos não é o Reino dos Céus? Certamente, pois o paradoxo da bem-aventurança da mansidão em relação aos pobres e aos perseguidos que herdarão não esta terra, mas o Reino dos Céus, é chave de interpretação espiritual do sentido de herdar a terra.

Essa comunhão, por sua vez, não é invenção do homem, pois nasce da comunhão interior da própria Trindade. Balduíno nos aporta uma inspiração: “Na verdade, o amor não conhece a bem-aventurança se ninguém participa dela. Sem comunhão, o amor não existe. Mas quando conhece a bem-aventurança, o amor é a própria vida feliz, e a vida feliz é a bem-aventurança, essa bem-aventurança que é o bem supremo. O bem supremo está naturalmente em comunhão: uma vez que todo bem, pelo simples fato de que é bom, precisa de louvor”, “Tratado so-

bre a Vida Cenobítica”, 3. E, mais adiante: “O Pai, que deu ao Filho a vida em mesmo, porque ele próprio tem vida em si mesmo, ama o Filho como a si mesmo; e o Filho ama o Pai como a si mesmo. Seu amor é o Espírito Santo, vínculo e comunhão de um e de outro. O amor deles é tal modo indivisível que quem ama o Pai, também ama o Filho, e quem não é amado pelo Filho, também não é amado pelo Pai. Uno é seu amor e sua indivisível majestade; uno é seu poder e indivisível seu agir”, “Tratado sobre a Vida Cenobítica”, 3.

Esta é, pois, a comunhão dos santos: “Eu creio, Senhor, no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na comunhão dos santos. Aí mora minha esperança, minha coragem, minha confiança; aí se funda minha segurança, por menor que seja, quando eu confesso minha fé: na benevolência do Espírito Santo, na unidade da Igreja Católica, na comunhão dos santos. Se também me vier do alto o amor a ti e a meu próximo, embora meus méritos sejam pequenos e escassos, tenho uma esperança muitíssimo superior, que vai além dos meus méritos:

eu confio que, para a comunhão da caridade, os méritos dos santos virão em meu auxílio, e que a minha insuficiência e imperfeição serão compensadas pela comunhão dos santos”, “Tratado sobre a Vida Cenobítica”, 12.

Balduíno continua sua reflexão insistindo na amplitude do amor, amplitude da comunhão, como se dissesse que o amor de Deus abarca todos os homens: “Consola-me o profeta quando diz: «De tudo o que é perfeito vi o limite, mas tua lei é infinitamente ampla». Ó caridade espaçosa, dilatadora de espaços, quão grande é a tua casa, quão vasto é o teu domínio! (...). A caridade permite que nossa esperança alcance a comunhão dos santos, numa comunhão de méritos e recompensas. Mas a comunhão dos prêmios é própria do tempo futuro: é a comunhão da Glória que deverá ser revelada em nós”, “Tratado sobre a Vida Cenobítica”, 12.

Enfim, estas últimas palavras resolvem o nosso paradoxo: a terra da bem-aventurança se identifica com o Reino dos Céus, pois os pobres no espírito e os perseguidos (Mt 5, 3.10) não herdarão a terra, como dissemos, e sim o Reino dos Céus. Mas, que é a nova terra, se não é o Reino dos Céus?



**CARLOS FREDERICO CALVET DA SILVEIRA**

PROFESSOR DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS E DO SEMINÁRIO SÃO JOSÉ, NO RIO DE JANEIRO

# O Reino de Deus e o Filho do Homem em Daniel: imagens quase perfeitas do senhorio de Nosso Senhor

Caros irmãos, finalizando o ciclo de estudos sobre os Livros Proféticos da Sagrada Escritura, hoje veremos o livro do profeta Daniel. Esse livro é muito utilizado no Novo Testamento, sobretudo para fazer referência ao Filho do Homem, figura messiânica plenamente realizada em Nosso Senhor Jesus Cristo.

O livro do profeta Daniel foi originalmente escrito em aramaico (Dn 2,4b-7,28; 7) e hebraico (Dn 1,1—2,4a; 8—12). O motivo é, provavelmente, o fato do autor ter tido a intenção de falar a linguagem tanto dos mais humildes quanto dos mais cultos de seu tempo. Entretanto, ele não foi o autor do livro, mas apenas o protagonista da história narrada. Daniel teria vivido durante a dominação dos últimos reis do Império Babilônico e dos primeiros reis persas, ou seja, boa parte do século VI a.C. Por outro lado, o verdadeiro autor, ainda que tivesse em mente a situação histórica do século VI a.C., e, querendo o mais fielmente possível descrevê-la, deixou rastros de que esteve situado séculos mais à frente na história de Israel. Desse modo, as visões relatadas no livro deixam transparecer muito mais as circunstâncias históricas da Palestina do século II a.C., sob a opressão do rei selêucida Antíoco IV Epifanes (168 a 164 a.C.), do

que as relativas aos impérios do século VI a.C. (babilônico e persa), próprias do tempo do exílio e do seu término.

O livro de Daniel é uma unidade temática. Os relatos e as visões estão orientados a ensinar que Deus rege a história e triunfa sobre os poderes humanos, contingentes e efêmeros, assim como tem poder para dominar até mesmo as coisas mais corriqueiras da vida humana. Desse modo, deixa entender que na chegada definitiva do Reino de Deus, os justos (os santos) triunfarão. O livro se divide em duas partes. A primeira parte contém as visões e os sonhos de Nabucodonosor (Dn 3—4) e de Balthazar (Dn 5). Ela narra a estadia de Daniel na corte de Babilônia, onde fez o papel de intérprete. Nela existem seis relatos, que levam o leitor a reconhecer a soberania de Deus e a recompensa definitiva, que será dada aos homens por sua fidelidade à Lei. Mostra, ainda, na visão do Capítulo segundo (Dn 2,1-49), a contingência e a degradação dos impérios humanos, desde Nabucodonosor aos Selêucidas. Na segunda parte do livro, é Daniel quem tem as visões e o anjo é seu intérprete. Tais visões são uma leitura da história humana e trazem consigo uma mensagem doutrinal bem precisa: o domínio de Deus sobre a história e o triunfo definiti-

vo, que virá através do Filho do Homem.

Na atualidade, os estudiosos da Bíblia estão de acordo que a redação final do livro se deu no ano 165 a.C., época grega, e, portanto, período dos Macabeus, pouco antes da morte do rei Antíoco. Sendo considerado o primeiro e principal escrito de gênero apocalíptico, o livro de Daniel é também conhecido como o Apocalipse do Antigo Testamento. Além dessas características peculiares, o mais específico desse estilo literário é a mensagem de esperança que transmite: a firme crença na vida futura, a vinda de uma etapa de salvação, que sucederá a iminente catástrofe cósmica e a intervenção frequente dos anjos. Esse tipo de mensagem teve grande acolhida na época, sobretudo devido à crise que o povo escolhido enfrentava, em pleno período de dominação grega e posteriormente romana, sob a perseguição do rei Antíoco; a invasão de Pompeu (63 a.C.) e as perseguições de Vespasiano e Tito (66-70 a.C.).

Ao reparar no modo como foi escrito o livro, os estudiosos ficaram com a impressão de que seu autor não parecia querer relatar fatos históricos, mas fundamentar uma doutrina religiosa. Essa doutrina diria aos seus concidadãos, que o domínio de Deus sobre a história e o prêmio divino à fidelidade dos homens eram as verdades mais importantes para as suas vidas. Assim, hoje afirmase, sem sombra de dúvida, que o tema central do livro de Daniel resume-se à seguinte mensagem: Deus, condutor da história, guia os homens e os povos até o final dos tempos, momento em que resplandecerá na plenitude da soberania divina e dos que a Ele pertencem. Desse modo, a temática se divide, em: a) salvação gratuita; b) Reino de Deus, e, c) a figura do Filho do Homem. Aqui nos concentraremos nos dois últimos temas.

O Reino de Deus apresentado no livro acontece em duas etapas: no tempo presente e no futuro (na escatologia). No presente, acontece o senhorio de Deus sobre os assuntos da vida humana, tanto em âmbito público, quanto privado, uma vez que em pleno ambiente pagão, o profeta Daniel e seus companheiros foram capazes de manifestar a sabedoria divina (Dn 1,17-20). Assim, até mesmo os caldeus reconheceram em Daniel a atuação daquilo que eles chamavam de espírito dos deuses santos (Dn 4,5-6; 5,11-14). No tempo futuro ocorrerá o domínio definitivo de Deus e até mesmo a sucessão dramática dos impérios (bestas), sinal do caráter efêmero do poder humano (caps. 2 e 7). Assim, as visões dos capítulos 8 a 14 anunciam a chegada de um Reino universal, eterno e indestrutível, que chegará misteriosamente, características que o distinguem nitidamente dos reinados humanos. O Filho do Homem tem caráter messiâ-

nico, pelo uso frequente da imagem do Reino e do domínio universal e eterno de Deus que se menciona. No entanto, esse Messias-Filho-do-Homem, anunciado em Dn, tem uma perspectiva nova. Já não será um filho de Davi que reinará como os demais reis terrenos, mas trata-se de um personagem misterioso, um Filho do Homem simples e humilde, desprovido das honrarias reais, que virá sobre as nuvens do céu e que estabelecerá um Reino diferente. Sua origem e sua missão transcendem a tudo o que é humano. Dessa forma se prepara toda a plenitude da Revelação do Novo Testamento.

Sendo o mais próximo ao N.T., o livro de Daniel orientou diretamente a esperança do povo judeu a Jesus Cristo, preparando os corações para acolhê-Lo, como o Messias que instaura definitivamente o Reino de Deus. De fato, o próprio Senhor se apresenta como Filho do Homem, título que Daniel tinha dado ao mediador da salvação (Mc 8,31), proclamando que com Ele chegaria o Reino (Mt 12,28), prometido diversas vezes (Dn 2,4; 7,27). Por outro lado, quando Jesus fala do fim dos tempos, retoma os sinais e as expressões utilizadas em Dn, tais como a presença da abominação e da desolação no santuário (Mt 24,15). Nosso Senhor, ao afirmar principalmente que o Reino já é uma realidade presente, ensina, também, como na parábola do semeador (Mt 13), que o Reino está em germe e irá crescendo ao longo da história até a sua consumação, na realização do juízo final pelo Filho do Homem (Mt 25, 31-46). Assim, somente à luz do Evangelho e da promessa de Jesus sobre a sua segunda vinda podemos compreender em profundidade o livro do profeta Daniel, com suas respectivas imagens sobre o fim e a ação divina no juízo da história. Cristo ressuscitado e sentado à direita do Pai é o Filho do Homem, a quem foi dado o poder e o império eternos. Ao final da história, virá de novo para julgar os vivos e os mortos.

Amados irmãos, com o estudo dos livros proféticos pudemos contemplar o quanto a Revelação em Nosso Senhor Jesus Cristo, mostrada no N.T., já estava prefigurada no A.T. Com suas imagens, visões e profecias, a Escritura antiga nos apresenta de modo imperfeito, sob o véu, aquilo que a Igreja, nos Apóstolos, contemplou pessoalmente na Pessoa de Jesus. Um dia esperamos contemplá-Lo face a face no céu. Que a profecia de Daniel e todas as demais, apresentadas aqui ao longo das últimas semanas, nos ajudem a manter firme nossa fé e a caminhar na fidelidade ao nosso Deus.

**PADRE IGOR ANTÔNIO  
CALGARO**

VIGÁRIO PAROQUIAL DA  
PARÓQUIA SANTA TERESINHA, EM  
BOTAFOGO



# Ester, uma história para contar



Rainha Esther, por Edwin Long de 1878

É difícil encontrar uma criança que não goste de histórias de reis, rainhas, príncipes e princesas. As lutas, as batalhas, os enredos entremeados de acontecimentos desafiadores acordam no coração das crianças emoções únicas, enriquecem o repertório dos pequenos e permitem que eles acessem e despertem sentimentos importantes que precisam ser vivenciados antes de tudo na imaginação.

Conheço vários contos que abordam essa temática. Já ouvi e contei muitas histórias por esse mundo afora. E tenho a certeza de que você, catequista, mãe, pai, vovô, vovó, já deve ter ouvido e / ou contado, até mesmo assistido em filmes, muitas vezes também.

Mas será possível, utilizando a Sagrada Escritura, fazer a contação de uma história inspiradora e surpreendente para crianças, na qual a personagem

principal é uma linda rainha que “atrai a simpatia de todos que a conhecem”, e que embora o nome de Deus não seja citado em momento algum, é Ele o verdadeiro protagonista e não a bela rainha? Pois eu digo que sim! Esta é a história de Ester, uma das mulheres mais importantes da Bíblia.

Se eu pudesse resumir a história da rainha Ester em um dito popular eu diria: Deus escreve certo por linhas tortas. E o que tem de linhas tortas espalhadas por todo o livro não está no gibi! O que importa é que no fim o que sobra é o certo do Senhor. Deus age em silêncio nas coisas mais comuns da vida, mais rotineiras, e Seu plano se torna realidade, apesar das circunstâncias, das dificuldades, das oposições.

De acordo com a Sagrada Escritura, o livro de Ester não é uma narrativa histórica propriamente dita, é uma espécie de

conto que analisa a situação da comunidade judaica espalhada entre as nações estrangeiras. No entanto, eu gosto de pensar no livro não apenas como conto, mas como romance também. Assim, digo que é um conto romanceado, que demonstra como a soberania divina e a coragem de uma simples mulher judia foram capazes de mudar o destino de uma nação inteira.

Se você já conhece a história, talvez saiba bem do que eu estou falando. Se não conhece, não espere que eu vá contar aqui para você! E faço de propósito, para que você corra agorinha, depois de acabar a leitura deste jornal, e pegue a Bíblia para ler. É rapidinho, são apenas dez capítulos. É um dos livros históricos do Antigo Testamento. Vem depois do Livro de Neemias e antes do primeiro Livro dos Macabeus.

Com efeito, o que quero destacar aqui é como recontar essa história para as crianças de forma lúdica, não evidenciando obviamente as partes mais agressivas que ela de fato tem e que não cabe de forma alguma para os pequenos, mas falando do amor de Deus e de como Ele cuida direitinho de nós, mesmo quando às vezes não compreendemos o que nos acontece.

Também apresentá-los à história de uma mulher exemplar, devota, cheia de sabedoria, fé e coragem, humilde, cuja força estava na fraqueza. Uma mulher que mesmo sendo rainha não alimentou o egoísmo agindo em favor de si, mas sim de seu povo, e que demonstrou obediência e honra a Deus, pois temente a Ele compreendeu que estava fazendo parte de um plano muito maior do que ela.

Mas, então, como fazer? Primeiro você precisa conhecer bem a história, porque a ideia não é decorar, contar *ipsis litteris*, não tampouco resumir. É recontar com suas palavras. Mas é preciso muita atenção e dominar bem o texto, porque você não pode de modo algum inventar

uma nova história! A intenção é apenas facilitar o acesso ao texto na infância, aproximar as crianças da Palavra de Deus. Posteriormente, com certeza, elas terão contato e poderão como adultas ler na íntegra.

Exemplo, na Sagrada Escritura o texto começa assim: “No segundo ano do reinado do rei Assuero, no primeiro dia do mês de Nisã, Mardoqueu teve um sonho (...) Ele era judeu e vivia na cidade de Susa, um homem notável ligado à corte do rei. (...) Pertencia ao grupo do exilados que Nabucodonosor...”

Ao recontar, você pode iniciar dessa forma: “Em Susa vivia um rei muito bravo chamado Assuero. Lá havia muitos judeus, e um deles era chamado Mardoqueu. Um dia ele teve um sonho...” Perceba que é basicamente um trabalho de ler, interpretar e reproduzir verbalmente com suas próprias palavras, pensando no seu público, porque dependendo da idade do ouvinte você contará uma história mais sucinta ou mais extensa.

Conhecer a estrutura da história, cada parte importante, marcando o começo, o meio, onde existe o clímax, o ponto mais alto da história e o fim, é extremamente importante. Vou exemplificar. Contudo, vale lembrar que a própria Bíblia facilita o nosso trabalho, pois como sabemos há os capítulos e os subcapítulos com frases e ainda contamos também com os versículos.

**Parte 1** - A Rainha Vasti e o rei Assuero

**Parte 2** - Ester, a nova esposa do rei

**Parte 3** - O atentado contra a vida do rei

**Parte 4** - O desentendimento de Hamã e Mardoqueu

**Parte 5** - O luto do povo e a resposta da Rainha

**Parte 6** - O convite para o banquete

**Parte 7** - A insônia do rei Assuero

**Parte 8** - O pedido de Ester

**Parte 9** - Honra à Ester e Mardoqueu

**Parte 10** - A festa de Purim

Bem, com a história na ponta da língua, agora é pensar que tipo de recurso você quer usar para contar. Fantoche, dedochê, teatro de sombras? Só história “de boca”, sem elementos? Com o conto preparado a seu modo, tudo passa a depender da criatividade! É possível criar música, modular a voz de acordo com o personagem. Como são poucos, uns seis mais importantes, no máximo; Ester, Mardoqueu, Assuero, Hamã, Vasthi, as opções são muitas.

Para as crianças a partir dos 4 anos, uma dica é contar a história com os personagens feitos de rolinhos de papel higiênico. As roupas e os rostos podem ser feitos de retalhos de tecidos ou de papel Colorset, o cabelo de papel crepom ou lã, fica de acordo com a criatividade.

Se quiser turbinar o encontro, ao final da história, uma atividade possível pode ser cada criança ganhar um rolinho de papel higiênico para que elas escolham um personagem da história para produzir do seu jeito, dando a sua interpretação.

A história da rainha Ester, emocionante e com grandes reviravoltas, pode dar aos pequenos uma boa oportunidade para compreender de forma lúdica o que significa a “providência divina”, perceber que nosso Senhor está presente em tudo o que acontece, seja de bom ou de ruim, em cada situação de nossas vidas, mesmo aquelas que julgamos mais impossíveis de serem solucionadas, pois “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm8:28).

Paz e bem!

**DINAIR FONTE**  
Profª, escritora,  
cantora e  
coordenadora  
da Catequese  
Infantil na  
Paróquia Nossa  
Senhora do  
Perpétuo Socorro,  
no Parque  
Columbia



Indique um Amigo

Você, que é um Amigo colaborador desta obra de evangelização, indique um Amigo para fazer parte desta família.

Abrace esta ideia e ligue:

(21) 3231-3560

CATEDRAL  
FM 106,7



# Uma reflexão sobre o dogma da Assunção de Maria Santíssima

## INTRODUÇÃO

No dia 1 de novembro de 1950, o Papa Pio XII proclamou, através da Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus* (MD), que Maria de Nazaré, Mãe de Jesus e nossa, foi elevada ao céu em corpo e alma. Portanto, Maria não teve, por soberana vontade de Deus, que experimentar a corrupção do corpo, que ocorre no sepulcro, e tampouco teve que esperar a redenção desse mesmo corpo no fim dos tempos (MD, n. 5).

Essa proclamação diz respeito à quarta verdade de fé que a Igreja Católica Apostólica Romana professa sobre Maria, para a qual ela é a sempre Virgem e Imaculada Mãe de Deus. Estes privilégios e verdades dependem totalmente dos méritos de Jesus Cristo, nosso único e eterno mediador (para uma síntese desses dogmas, veja o número 1.161, p. 15 do “Testemunho de Fé”).

Antes de tudo, o dogma da Assunção de Maria é um ato de fé em Deus Onipotente e rico em misericórdia, que tudo fez, faz e provê segundo o seu inefável plano de amor e salvação. O Alfa e o Ômega de todo o universo. Nesse sentido, cada ação de Deus, Uno e Trino, contém e revela a sua infinita sabedoria e a sua divina providência. Cabe à Igreja, atenta aos sinais dos tempos, perceber a presença e o agir de Deus na história, manifestando-os à Humanidade pelo testemunho vivo da fé.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Quando o Papa Pio XII assumiu a Sé de Pedro (2/03/1939), já existiam, como ele mesmo afirmou, inúmeras petições para que o dogma da Assunção (MD, n. 7-10), relacionado ao dogma da Imaculada Conceição (1854), fosse definido de forma solene e pública para toda a Igreja.

Além dos estudos e aprofundamentos sobre a matéria, a fim de que o Papa pudesse se pronunciar a respeito, julgamos fundamental assinalar que a proclamação do dogma da Assunção também estava associada ao momento histórico em que vivia a humanidade. Havia muita tristeza, devido aos horrores causados pela Segunda Guerra Mundial, muitos tinham se afastado da fé e da

verdade do Evangelho. O Papa tinha percebido a necessidade de repropor o caminho do bem, da justiça e da verdade, para a Humanidade, sob a tutela e sinal do anúncio da fé, da esperança e da caridade que se encontram vivos e presentes no fim glorioso que Deus concedeu a Maria Santíssima (MD, n. 2).

É possível dizer que o mundo, em particular a Europa, precisava ser reconstruído não apenas a partir dos destroços deixados pela guerra, mas, principalmente, a partir do sentido da vida e da existência humana recriada e renovada em Jesus Cristo. Um novo olhar para Maria, a mulher do Sim incondicional a Deus, oferecia o caminho oportuno pelos vínculos que associam Mãe e Filho.

Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres tiveram que realizar muitas tarefas, pois os homens (pais, maridos, irmãos e filhos) estavam lutando e morrendo nos campos de batalha. Estimava-se que o número de mortos tenha chegado a 85 milhões de pessoas. Só o terrível holocausto ceifou, com indizível crueldade, mais de seis milhões de judeus. Sem dúvida, no meio desse caos, o protagonismo feminino tinha se tornado uma questão de vida ou morte. Após a guerra, havia uma realidade visível e indiscutível: diante dos destroços era necessário empreender a reconstrução e, em particular, essa missão estava confiada às mulheres.

Essa percepção não é bem clara para os que não viveram, diretamente, o drama da Segunda Guerra. Mas, o Papa Pio XII, de forma lúcida e perspicaz, ao declarar o dogma da Assunção de Maria, estava conclamando as mulheres de uma Europa devastada, e do mundo inteiro, a olhar e a se inspirar em Maria, como modelo de mulher de fé pura e virginal, de mãe salutar e plenamente envolvida com o bem-estar do próximo pelo seu protagonismo social e reli-

gioso, mediante o qual se pode contemplar o verdadeiro fim da humanidade: a glória de Deus.

Se o dogma, por um lado, aponta para o prêmio que Deus concedeu a Maria, por outro lado, atesta a sua pessoal e indispensável participação na história da salvação. Dessa forma, confirma-se a célebre frase de Santo Agostinho: “Deus que te criou sem ti, não te salvará sem ti”. Tudo isso, porém, exige-se que se tenha o olhar fixo na atuação da mulher, confirmando a promessa que Deus fizera à progenitora Eva no protoevangelho (Gn 3,15) e que se cumprira na plenitude do tempo com Maria, a *genitora de Deus* e de uma renovada humanidade (Gl 4,4).



REPRODUÇÃO

## A ESTRUTURA DA CONSTITUIÇÃO APOSTÓLICA

Da introdução (MD, n. 1-6) à definição do dogma (MD, n. 44-47), o documento papal fundamenta essa verdade de fé percorrendo quatorze pontos (MD, n. 7-43). O principal argumento e critério apoia-se nos testemunhos baseados na fé da Igreja que afunda as suas raízes na Tradição viva, nas Escrituras e que se desenvolve graças ao empenho da teologia que faz avançar a inteligência da Divina Revelação e dos planos de Deus nela contidos.

A metodologia teve, como ponto de partida, a consulta ao episcopado, pelo qual o Papa quis ouvir o parecer dos bispos

do mundo inteiro (MD, n. 11). A questão norteadora era se havia uma doutrina concorde em todo o magistério da Igreja (MD, n. 12). A base dessa doutrina estava pautada no testemunho da fé na Assunção (MD, n. 13-15), e no testemunho da liturgia (MD, n. 16-18), pois há muito se festejava a Assunção de Maria ao céu. Por esta festa, os fiéis podiam e podem entrar em contato e celebrar a verdade de fé que ela contém (MD, n. 19-20).

Graças a isso, foi possível percorrer as várias etapas da história dessa fé viva da Igreja, desde o testemunho dos padres da Igreja até os ilustres teólogos da modernidade (MD, n. 21-37) e de verificar, nessas etapas, como se fazia presente tal verdade de fé.

Acredito que um dado singular serviu de bússola e se encontra no Magnificat (Lc 1,46-55). A razão para tamanha grandeza advém do fato irrefutável: “o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor” (Lc 1,49). O fio condutor, presente nas entrelinhas de várias passagens das Escrituras, revelava a força do argumento irrefutável: a união íntima e vital de Maria com o seu primogênito Filho Divino, Jesus Cristo.

Pela força desse vínculo, Maria foi predestinada por Deus, desde toda a eternidade (Ef 1,5), para ser, em tudo, semelhante ao Filho Divino, ao qual gerou, deu à luz, amamentou, fez crescer, educou, iniciou na vida pública (Jo 2,1-12), seguiu como fiel discípula que faz a vontade do Pai e reiterou o seu Sim, na cruz, estendido à toda a Humanidade (Jo 19,25-27). A sua presença e fiel testemunho foram indispensáveis para os apóstolos reunidos no cenáculo (At 1,14).

Assim, era conveniente que o triunfo sobre a morte, alcançado por Jesus em sua obediência filial ao Pai, fosse estendido, igualmente, àquela de quem recebeu a nossa Humanidade isenta da mácula do pecado: a sua Virgem Mãe, a Imaculada Conceição. Assunta ao céu, em

corpo e alma, Maria atesta que a glória de Deus é sinal vivo do seu amor por toda a Humanidade (MD, n. 38-40).

A oportunidade da proclamação do dogma da Assunção de Maria aparece intimamente ligada ao “momento estabelecido pela providência de Deus” e que, como dito no contexto histórico, teve a ver, igualmente, com o novo sentido do pós-guerra. O Papa Pio XII viu na proclamação desse dogma a projeção da luz divina sobre a Humanidade, auspicando que “a fé na assunção corpórea de Maria ao céu torne mais firme e operativa a fé na nossa própria ressurreição” (MD, n. 42).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fé cristã é marcada pelo reconhecimento do envolvimento do ser humano no plano divino da salvação. A história, do Gênesis ao Apocalipse, está marcada por altos e baixos. É como um eletrocardiograma que mostra como cada ser humano pode verificar esse envolvimento, bem como o sentido que tem procurado dar à sua vida. Nessa trajetória, Deus quis confiar à mulher a graça de conceber e de continuar gerando a humanidade. Então, para o fiel, enquanto a mulher e o seu ventre estiverem ao serviço da vida, a esperança de renovação não ameaçará o seu futuro.

Diante de grandes e numerosos desafios, olhar para as verdades de fé, que a Igreja proclamou sobre Maria de Nazaré, permite que cada fiel reflita sobre a própria vida e o quanto tem procurado corresponder ao amor de Deus.

Que a felicidade plena, a ser recebida um dia na glória de Deus, comece a ser experimentada e contemplada pela ardente e salutar devoção a Maria. Que a sua assunção ao céu, em corpo e alma, nos faça sempre lembrar e trilhar o caminho da graça: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).



**PADRE LEONARDO AGOSTINI FERNANDES**

Sacerdote da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro

Prof. de Sagrada Escritura do Dep. de Teologia da PUC-Rio

Capelão da Igreja do Divino Espírito Santo do Estácio de Sá/RJ

PARTICIPE!

# Fidelidade TOTAL

SENDO FIEL NOS  
BOLETOS DE  
OUTUBRO,  
NOVEMBRO E  
DEZEMBRO  
VOCÊ PODERÁ SER  
CONTEMPLADO COM  
UMA VISITA  
AO  
CRISTO REDENTOR  
COM A  
RÁDIO CATEDRAL.

LIGUE PARA 3231-3560  
PARA MAIS INFORMAÇÕES

# 'Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor'

Na missa de exéquias do seminarista João Pedro Augusto Alves de Holanda, realizada no dia 6 de novembro, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Ilha do Governador, o arcebispo do Rio, Cardeal Orani João Tempesta, destacou que a ocasião se tornou uma oportunidade para repensar a vida, a própria história, o destino final.

"Independentemente de nossa vocação, todos nós batizados somos chamados a viver a vocação comum e universal que é a santidade que começa já, agora, aqui, e vai sendo construída no dia a dia de nossa vida. Peçamos ao Senhor o dom de nunca perdermos a razão última de nossa vida. Em um mundo que se esquece de Deus, devemos ser sinais do eterno, porque 'quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor' (Rm 14, 8)", disse o arcebispo.

Na missa, organizada pelo pároco, padre Gilvan André da Silva, que contou com a presença de Del-

zina Alves dos Santos, mãe de João Pedro, do reitor do Seminário São José, cônego Leandro Câmara, e dos seminaristas da arquidiocese, o arcebispo lembrou que as pessoas também podem ser chamadas na infância ou na juventude, mas que o mais importante é "ficarmos vigilantes e preparados para entrarmos na eternidade quando o Senhor chegar".

Dom Orani também lembrou que todos estavam reunidos, cuja oração era ouvida por Deus, para pedir por aquele que partiu, "que nós amamos", e que tanto choram pela sua partida, mas que ele possa estar na presença do Senhor, o que ele sempre buscou na vida. Disse que antes, as orações eram para que João Pedro pudesse se recuperar, pela sua saúde, agora, consumada sua partida, elas são para que ele tenha a visão beatífica, já que os cristãos creem que a vida não termina com a morte.

"Ao entrar no seminário, o

desejo de João Pedro era o sacerdócio, configurar-se cada vez mais a Jesus Cristo. Seus formadores o ajudaram no discernimento e no amadurecimento da vocação, e a Igreja sonhava com a ordenação, quando pudesse se colocar a serviço do povo de Deus. Seu desejo não ficou concretizado, mas ele atingiu o que sempre buscou, de estar com o Senhor. Agora, quando seus olhos se abrirem para a eternidade, ele poderá contemplar a face do Pai das misericórdias. Essa é a direção da nossa existência, uma vez terminada a caminhada neste mundo", finalizou.

Após a celebração de exéquias, o corpo do seminarista João Pedro foi conduzido para o Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, onde foi sepultado na Quadra dos Padres, pertencente à Venerável Irmandade do Príncipe dos Apóstolos São Pedro.

CARLOS MOIOLI



## Biografia de João Pedro

João Pedro Augusto Alves de Holanda, seminarista da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, fez a sua páscoa no dia 4 de novembro de 2020, após enfrentar com coragem uma forte anemia e infecção generalizada que o levaram à óbito.

Nascido no dia 10 de novembro de 1984, em Recife (PE), é filho de Delzina Alves dos Santos, por quem tinha grande estima e apreço. Iniciou sua caminhada vocacional ainda no início da juventude, ingressando no Seminário Arquidiocesano de Olinda e Recife, com grande amor e desejo de corresponder ao chamado de Deus. Em 2011, recebeu o Ministério de Lector na Catedral de Olinda (PE). Ao final de 2017, foi acolhido pela Arquidiocese do Rio de Janeiro a fim de dar prosseguimento à sua formação sacerdotal, e admitido no Seminário Arquidiocesano de São José no dia 21 de dezembro de 2017, sendo designado à comunidade São Luís Maria Grignon de Monfort (também conhecida por Matusalém, por acolher os seminaristas que possuem uma faixa etária maior que os demais).

Em 2018, João Pedro reali-

zou o seu trabalho pastoral na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, na Ilha do Governador e, em 2019, foi transferido à Paróquia São Rafael Arcanjo, em Vista Alegre. Desde seu ingresso no seminário, desenvolveu com grande zelo as atividades formativas propostas, dentre as quais estavam o serviço de sacristão e o voluntariado prestado aos demais seminaristas na xerox do seminário.

João Pedro também possuía uma vasta formação acadêmica. Era bacharel em história (Estácio de Sá), em filosofia (IFTA-OR) e em teologia (UNICAP); era mestre em teologia sistemática pela PUC-Rio e, atualmente, cursava o doutorado também em teologia sistemática pela PUC-Rio.

A páscoa do seminarista João Pedro recorda a todos nós a brevidade da vida e a generosidade a que todos somos chamados para abraçar a vontade de Deus. Apesar de não ter sido ordenado sacerdote, João Pedro já era sacerdote no coração de Deus, e agora recebe do próprio Bom Pastor a recompensa devida por sua entrega generosa à Igreja de Cristo.

SEMINÁRIO SÃO JOSÉ

## O seminarista que conheci

Já há algumas semanas fomos surpreendidos com a notícia da internação do seminarista João Pedro. Belo testemunho de unidade da Igreja foi dado quando, unidos à comunidade do nosso Seminário São José e à nossa arquidiocese, católicos e pessoas de boa vontade em todo o Brasil elevaram aos céus suas preces. No último dia 4, memória de São Carlos Borromeu, o primeiro bispo a colocar em prática as disposições do Concílio de Trento sobre a formação sacerdotal nos seminários, recebemos a notícia de seu falecimento. Apesar da tristeza pela sua partida, grande esperança deve encher o nosso coração de batizados, pois, como nos recorda o Apóstolo, de fato "Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram" (I Cor 15, 20).

Gostaria de deixar aqui o meu testemunho sobre o seminarista que conheci. Cheguei ao seminário maior em 2018, após um ano no seminário propedêutico Rainha dos Apóstolos, mesmo ano em que João Pedro veio morar em nosso seminário. Colocados na mesma comunidade, a "Matusalém", que tem como patrono São Luís Maria Grignon de Montfort, logo se mostrou um empenhado irmão da fraternidade que caracteriza a "Matusa", como

carinhosamente a comunidade é chamada por seus membros.

O seminarista que conheci em João Pedro era devotado aos estudos. Ambos formados em história, tínhamos sempre muito assunto sobre a história da Igreja, do Brasil, do mundo... Estava sempre concentrado no mestrado em teologia que fez com tanto esmero, contribuindo para a história da Igreja no séc. XX, e no último ano sempre partilhava as leituras e ideias do doutorado que estava em andamento.

O seminarista que conheci, sendo muito inteligente, tinha ardente desejo de levar o que conhecia ao povo de Deus, com grande espírito catequético. E nesse espírito contribuiu com muito empenho para o tradicional Curso de Férias realizado pelo seminário em parceria com o Instituto Superior de Ciências Religiosas, dando aulas sobre a história dos concílios ecumênicos, esperando partilhar com muitos seu amor pelo magistério que ao longo dos séculos, pelas disposições conciliares, de Niceia ao Vaticano II, faz Cristo conhecido aos homens de cada tempo.

O seminarista que conheci tinha grande amor pela música sacra. Incentivador do canto gregoriano como expressão maior da música litúrgica e entusiasta do

canto pastoral, com esse mesmo entusiasmo compôs uma completa apostila para o curso de Canto Litúrgico lecionado por ele no já referido Curso de Férias. Na comunidade nos deixou uma bela herança: um hino para o ofertório da Missa de São Luís Maria de Montfort, o qual louva como "Monte Forte" e coloca em sua boca a bela exclamação: "Todo teu, ó Jesus, por tua Mãe."

O seminarista que conheci amava a oração, a vida dos santos, o serviço ao povo de Deus, o sacerdócio de Cristo. Lembro-me que logo quando nos conhecemos partilhava sua devoção a um grande místico, São Paulo da Cruz, fundador dos Passionistas. Deste santo aprendera que "coisa excelente e muito santa é pensar e meditar sobre a Paixão do Senhor, pois por este caminho chegamos à união com Deus" (das cartas de S. Paulo de Cruz). De fato, me recordo que seu livro de meditação preferido era "A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo", de Santo Afonso de Ligório.

Muitas outras coisas poderia aqui falar sobre João Pedro, o seminarista que conheci, com quem convivi e partilhei durante três anos o desejo de servir à Igreja no sacerdócio. Apenas termino testemunhando que conheci alguém alegre, simples, fraterno. Como

todos os cristãos, enfrentava no dia a dia calmarias e tempestades, lutas interiores e exteriores, sucessos e fracassos, alegrias e sofrimentos. Mas o que nos faz cristãos é que tudo isso somos chamados a oferecer por Cristo, com e em Cristo, unindo nosso sacrifício diário, gota d'água, no sacrifício redentor de Nosso Senhor, torrente de preciso sangue. Não deixemos de oferecer

nossas orações e sufrágios pela alma de João Pedro. Que Nosso Senhor Jesus Cristo possa recebê-lo na luz de sua Face, Ele que é Sumo e Eterno Sacerdote, dando-lhe a estola da imortalidade para celebrar em solene júbilo as alegrias da eternidade.

EDUARDO DOUGLAS SANTANA SILVA  
SEMINARISTA DA ETAPA FORMATIVA  
DISCIPULADO III, 3º ANO DE FILOSOFIA

# Um bispo equilibrado e santo!

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

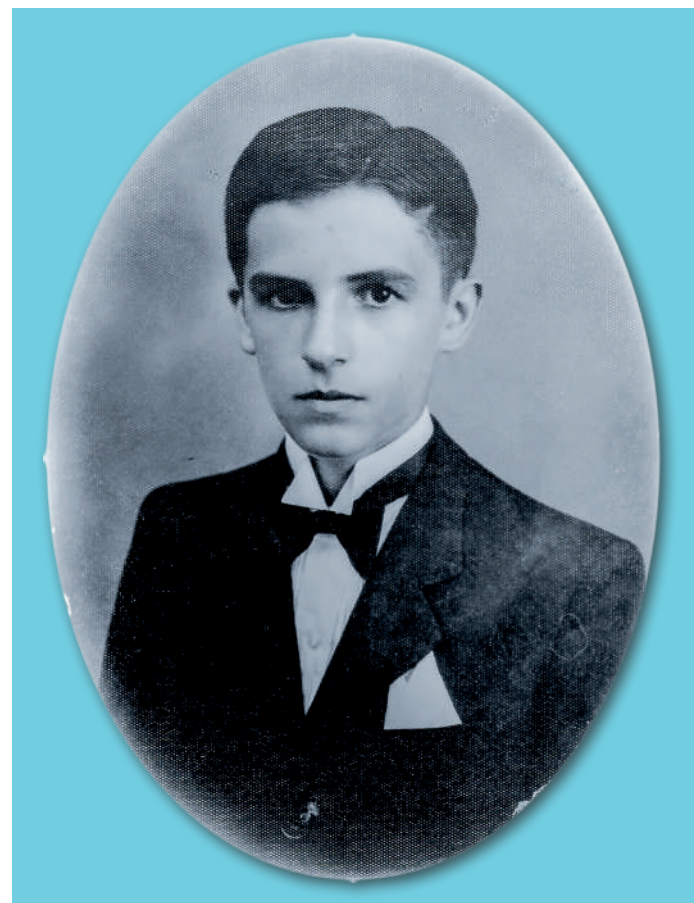
**C**onheci Dom Eugenio de Araujo Sales, 5º arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, primeiramente na Assembleia dos Bispos da CNBB, em Itaici, e depois, mais de perto, nos Encontros anuais dos Bispos no Sumaré, no Rio de Janeiro, pois desde o primeiro, não faltei a mais nenhum. Foi ele sempre humilde e, principalmente, acolhedor. Jamais deixou de responder a algum questionamento ou explicação que lhe era solicitado. Homem equilibrado, fiel à Igreja em todos os momentos. Buscou sempre a unidade e a fraternidade entre os bispos, e ele mesmo dizia isso nos Encontros de Estudos, sem fazer qualquer oposição à CNBB. Buscava para os encontros as pessoas mais especializadas no assunto, seja no Brasil ou em Roma. Presente em todos os momentos, com a sua cortesia de sempre. Homem de oração e de muito amor à Igreja.

Aconteceu comigo um fato muito especial: no primeiro encontro com os bispos no Sumaré, eu, jovem bispo, estava sentado em uma mesa sozinho. O palestrante principal era o Cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. O Cardeal Joseph Ratzinger veio e sentou-se comigo. Começamos a conversar. Eu coloquei, à época, a reintegração de um sacerdote do clero da Arquidiocese de Juiz de Fora, aonde era bispo auxiliar. Eu não havia tido sido bem atendido no antigo Santo Ofício. Coloquei a questão ao Cardeal Joseph Ratzinger. Ele me ouviu atentamente por mais de meia hora. Quando retornou a Roma tomou todas as providências e em tempo recorde eu recebi o rescrito positivo. Depois, pude agradecer ao Cardeal Eugenio Sales as delicadezas destes encontros anuais do Sumaré que sempre foram de partilha, enriquecimento espiritual e colegialidade episcopal.

Para mim a principal característica do Cardeal Eugenio Sales foi o equilíbrio e a santidade. Ele falava muito pouco. Ouvia muito! Encorajava com o testemunho de fidelidade absoluta a Deus, à Igreja, ao Papa e ao Magistério Pontifício. Em momentos de tensões eclesiais, ele era o porto seguro para recomendar sempre em comunhão com o Sucessor de Pedro.

Meu agradecimento aos muitos ensinamentos e testemunhos edificantes de solicitude pastoral e de afeto colegial que nos deixaram o Cardeal Eugenio Araujo Sales. A sua ponderação, discrição e firmeza fazem falta em tempos tumultuados em que o silêncio e a prudência são deixados de lado e reina as “maledicências” e os pré-julgamentos e condenações. Sejamos distribuidores da misericórdia e da acolhida evangélica. Descanse em paz querido irmão Dom Eugenio Sales.

DOM EURICO DOS SANTOS VELOSO  
ARCEBISPO EMÉRITO DE JUIZ DE FORA, MG



# Eu vivi junto de um padre santo!

As minhas palavras brotam da mais eloquente recordação das primícias de meu ministério sacerdotal: eu vivi junto de um padre santo! Recordar o querido Cardeal Eugenio Sales no centenário do seu nascimento é alegre e jubilosamente encher o coração de lindas lembranças e muita saudade. A saudade é um sentimento que toca fundo o coração, é o único sentimento que desperta em nós a vontade de parar, refletir e suspirar. Traz para dentro do nosso coração lembranças doces de momentos vividos. Existe a saudade que podemos curar, mas a saudade daqueles que partiram jamais cala nosso coração.

Dom Eugenio Araujo Sales nasceu em Acari, Rio Grande do Norte, no dia 8 de novembro de 1920, e fez seus primeiros estudos em Natal, onde ingressou, em 1931, no Seminário Menor. Os cursos de filosofia e teologia

foram realizados no Seminário da Prainha, em Fortaleza. A ordenação presbiteral ocorreu no dia 21 de novembro de 1943.

Com apenas 33 anos, em 1954, foi nomeado bispo auxiliar de Natal pelo Papa Pio XII. Em 1962, foi designado administrador apostólico da Arquidiocese de Natal, função que exerceu até a chegada de Dom Nivaldo Monte, em 1965. Em seguida, tornou-se administrador apostólico da Arquidiocese de Salvador e, quatro anos depois, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, pelo Papa Paulo VI.

No período em que esteve em Salvador, Dom Eugenio foi o criador das Comunidades Eclesiais de Base, da Campanha da Fraternidade e do Movimento de Educação de Base. Foi, também, um dos primeiros a implantar o Diaconato Permanente na Igreja no Brasil.

No tempo da ditadura militar, realizou, em segredo, diversas ações em prol do abrigo a perseguidos políticos.

Em 1969, Dom Eugenio foi criado Cardeal Presbítero da Santa Romana Igreja pelo Papa Paulo VI, e chegou a ocupar cargos em 11 congregações no Vaticano. Em 13 de março de 1971, com a morte repentina do Cardeal Jaime de Barros Câmara o Papa Paulo VI imediatamente proveu a Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro com a transferência de Dom Eugenio da Sé Primacial da Bahia, em 27 de março de 1971. Tomou posse da Arquidiocese do Rio de Janeiro em 24 de abril de 1971. Ficou à frente da arquidiocese até 2001, quando sua renúncia foi aceita. Ele já estava com 80 anos de idade. Dom Eugenio se tornou referência na defesa de perseguidos políticos. Em 2008, soube-se que ele abrigou

mais de 4 mil pessoas perseguidas pelos regimes militares do Cone Sul entre 1976 e 1982.

Sua atuação teve como inspiração o seu lema episcopal, fundamentado na Carta de São Paulo aos Coríntios: *"Impendat et Superimpendat"* (2 Cor 12,15): "De muito boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas, ainda que, amando-vos mais, seja menos amado por vós".

No dia 9 de julho de 2012, depois de uma vida dedicada a um apostolado inesquecível no Brasil e nesta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, na arquidiocese e na Igreja no Brasil e no mundo, entregou a sua alma ao Senhor.

O então Papa Bento XVI escreveu em seu telegrama: "Recebi a triste notícia do falecimento do venerado Cardeal Eugenio de Araujo Sales, depois de uma longa vida de dedicação

à Igreja no Brasil", disse o Papa no telegrama.

Bento XVI disse ainda dar graças ao Senhor por ter dado à Igreja tão generoso pastor que, nos seus 70 anos de sacerdócio e 58 de episcopado, procurou apontar a todos a senda da verdade na caridade e do serviço à comunidade, em permanente atenção pelos mais desfavorecidos, na fidelidade ao seu lema episcopal: *"Impendat et superimpendat"* ('gastarei e gastar-me-ei por inteiro por vós').

"Enquanto elevo fervorosas preces para que Deus acolha na sua felicidade eterna este seu servo bom e fiel, envio a essa comunidade arquidiocesana, à Igreja no Brasil e a quantos tomam parte nos sufrágios animados pela esperança da ressurreição, uma confortadora bênção apostólica", concluiu o Papa.

ARQUIVO PESSOAL



Dom Eugenio apresentando ao Papa João Paulo II seu secretário, monsenhor André Sampaio de Oliveira

Como não agradecer a Deus este seu fecundo ministério episcopal, plasmado na preocupação pastoral e social. Padre conciliar, por isso, sempre preocupado pelo ensino e pelo testemunho da letra conciliar, era um apaixonado pela renovação conciliar. Dom Eugenio viveu profundamente a Carta Apostólica que o Beato Paulo VI dirigiu a todos os bispos, cinco anos após o encerramento do Concílio Ecumênico Vaticano II, intitulada “Quinquejannium”, de 8 de dezembro de 1970. Naquela Carta Apostólica o Papa Paulo VI pedia aos bispos que considerassem o grave e urgente dever de anunciar a Palavra de Deus ao povo para que este crescesse na fé e no entendimento da mensagem cristã e testemunhasse, com toda a sua vida, a salvação em Jesus Cristo. O Papa Paulo VI pedia aos bispos serem “resolutos para que nenhum impedimento detivesse a onda abundante de graças celestes que hoje alegria a Cidade de Deus”. O que os homens esperam – assim dizia Paulo VI – “não é tanto uma superabundância de palavras, quanto uma palavra em consonância com uma vida mais evangélica”.

Uma das dimensões do fecundo e longo episcopado de Dom Eugenio Araujo Sales como arcebispo do Rio de Janeiro

foi a sua solicitude para com os irmãos bispos. O seu Curso Anual de Atualização e de trocas de experiências pastorais demonstraram a sua preocupação de que o bispo se torna um bispo entrando na comunhão dos bispos. Para o Cardeal Sales e para os bispos conciliares vale a advertência: “não posso exercer meu ministério episcopal senão em um “Nós”, que é o único que dá significado ao “Eu” individual. Mas como manter vivo esse vínculo recíproco e comunitário? Tratava-se de um *affectus collegialis*, segundo a definição de “Lumen gentium”.

Dom Eugenio preocupou-se com a falta de tempo dedicado à reflexão doutrinal, a uma reflexão amadurecida a ponto de perceber tudo a partir de uma vida incessantemente inspirada pelo sopro do Espírito. O magistério do bispo deve garantir que o testemunho da Igreja sobre Jesus Cristo continue a ser o testemunho dos Apóstolos. Não há enunciado da fé que não seja inteligência da fé em uma dada cultura. Dom Eugenio testemunhou a unidade com o bispo de Roma, que é o que dá a cada bispo uma dimensão católica e, ao mesmo tempo, uma garantia, porque a fé do sucessor de Pedro conforta a nossa. É do magistério do Papa que todas as Igrejas locais precisam, pois com frequência

se fragilizam por inúmeras pressões.

Dom Eugenio gostava muito de reafirmar que como sucessor dos Apóstolos deveria contemplar o Cristo como o “pastor com grandes olhos que veem por tudo”. É desse modo que o “episcopo” exerce a sua missão de discernimento espiritual. Foi desta maneira que Dom Eugenio olhou sempre e velou para sua amada Igreja do Rio de Janeiro e por nossa cidade.

Lembrando nosso “intrépido pastor”, posso dar testemunho do carinho, do respeito e da gratidão do clero e do povo do Rio de Janeiro pelo ministério episcopal de Dom Eugenio Sales. Quando ainda seminarista, Dom Eugenio sempre solicitava que um seminarista o acompanhasse a uma atividade, e assim um dia fui convocado pelo então reitor do Seminário São José, Dom Assis Lopes, a acompanhar o cardeal. Liguei para a secretária, a querida irmã Olímpia, para perguntar se deveria ir de batina ou terno. Acertado tudo, Dom Eugenio passou no fundo do Seminário descendo o Sumaré, e assim foi. Depois deste dia, recebia a notificação do reitor da agenda do Cardeal e, depois, diretamente da irmã Olímpia.

Neste ínterim, fui convocado pela Maria Cristina Sá, presidente do Encontro do Papa

com as Famílias e consultora do Pontifício Conselho da Famílias, para secretariar o encontro, porém, o cardeal tinha outros planos e me nomeou, sem consultar a nenhum dos seus colaboradores, como secretário do seu gabinete. Tendo sido ordenado diácono, fui residir na Paróquia da Ressurreição com o saudoso monsenhor José Roberto Devellard, então responsável pelo Secretariado de Pastoral. Assim podia, junto com esse grande amigo do cardeal, servir ao querido Dom Eugenio com mais eficiência.

No gabinete um time de primeiríssima qualidade assessorava Sua Eminência, Senhora Maria Helena, Senhorita Lúcia Gamosa e Senhora Miriam, depois a Senhora Rosinha. O assessor de imprensa, Adionel Carlos Cunha, diligentemente cuidava da comunicação e imagem do cardeal. Irmã Olímpia zelava pelo arquivo no Palácio São Joaquim, aonde Dona Cleomar Araujo Sales, sua dedicada e atenta irmã, mantinha tudo organizado.

Como pude aprender convivendo dia a dia com Dom Eugenio, quantas partilhas e histórias pude escutar, quantas coisas pude aprender. Mesmo aos sábados e folgas, Dona Cleomar Araujo Sales, irmã de Dom Eugenio, que cuidava com amor de seu irmão, me chama-

va, a pedido de Dom Eugenio, para estar com o cardeal. Como Dom Eugenio era fiel aos seus amigos, aos seus princípios, ao seu amor a Cristo e sua Igreja. O Cardeal Sales nunca deixou um amigo em dificuldades. Sempre promoveu aqueles que foram fiéis a ele. Jamais desconheceu quem o serviu!

Em 1997, fui convocado para a Academia Diplomática da Santa Sé Apostólica, a Pontifícia Academia Eclesiástica, e no período de formação, Dom Eugenio sempre que ia a Roma, fazia questão de encontrar com os padres da arquidiocese. Lembro quando organizei a comemoração do seu natalício em um almoço com os alunos da academia, a convite do então presidente Dom Giorgio Zur, Nuncio Apostólico.

Eu vivi junto de um padre santo! Quantas lembranças, quantas saudades! Descanse em paz, Dom Eugenio Sales, magno pastor desta Igreja Arquidiocesana de São Sebastião do Rio de Janeiro, que testemunhou e viveu o Evangelho, e que nos anima a levar o Evangelho da Vida, da Esperança e da Paz nesta complexa e diversificada cidade que, do alto do Corcovado, o Cristo abre os braços para que corramos ao seu encontro!

MONSENHOR ANDRÉ SAMPAIO DE OLIVEIRA

# A Rádio Catedral precisa de você!

Faça sua contribuição através do depósito, transferência bancária em uma das nossas contas ou pelo PagSeguro



AGÊNCIA 0814-1  
CONTA 2106-7



AGÊNCIA 0380  
CONTA 56478-1



AGÊNCIA 0087-6  
CONTA 13953-X



AGÊNCIA 1327  
CONTA 511-3  
OPERAÇÃO 003



AGÊNCIA 3370  
CONTA 13000390-1

CATEDRAL  
FM 106,7



3231-3560



# O Centenário de Dom Eugenio Cardeal Sales

(8 de novembro de 1920-2020)

## Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro (1971 – 2001)

*“Os elementos de uma sociedade bem estruturada são o absoluto respeito pela verdade, o compromisso da consciência com a ética e abertura para o transcendente, ou seja Deus. Ele é a meta e a causa última da pessoa e da felicidade da comunidade humana” - (Dom Eugenio Sales)*

FOTOS: ARQUIVO: PESSOAL

É fácil e difícil falar de Dom Eugenio Sales. Ele era uma personalidade límpida e complexa. Com muita facilidade da parte de detratores (dentro e fora da igreja) recebeu alcunhas injustas e deméritos, mas, por outro lado, sua grandeza e vulto o fizeram transcender este vozerio e colocá-lo, com mérito **incontentável**, entre os grandes personagens do Brasil e da Igreja no século XX.

*Eugenio de Araujo Sales nasceu em Acari (RN) no dia 8 de novembro de 1920, filho de Celso Dantas Sales e de Josefa de Araújo Sales<sup>1</sup>.*

Conto-me, com muito orgulho, entre as muitas gerações de sacerdotes e bispos que cresceram à sombra deste homem da Igreja<sup>2</sup>. Diante dele se podia divergir, mas não ignorá-lo. Sua conduta episcopal nesta arquidiocese por 30 anos foi marcada pela firmeza e pela compreensão. Era enérgico quando necessário e paternal com todos. Um rumo claro para quem o seguia.

Na sua mente alguns elementos pareciam límpidos: fidelidade à verdade, expressa na Doutrina Católica, confirmada pela anuência ao Santo Pontífice. Dom Eugenio, como muitos bispos de sua geração, tinha uma verdadeira ‘*devoção Petrina*’.

*‘Me acusam de ser xerox do Papa. É o maior elogio que me podem fazer’ - (Dom Eugenio Sales).*

Amar e obedecer ao Sumo Pontífice era quase uma ‘obsessão’, pois para ele era garantia de unidade e de rumos certos e seguros para a Igreja. Em tempos de muitas contestações, ele representava um baluarte de convicção sobre a verdadeira identidade da Igreja.

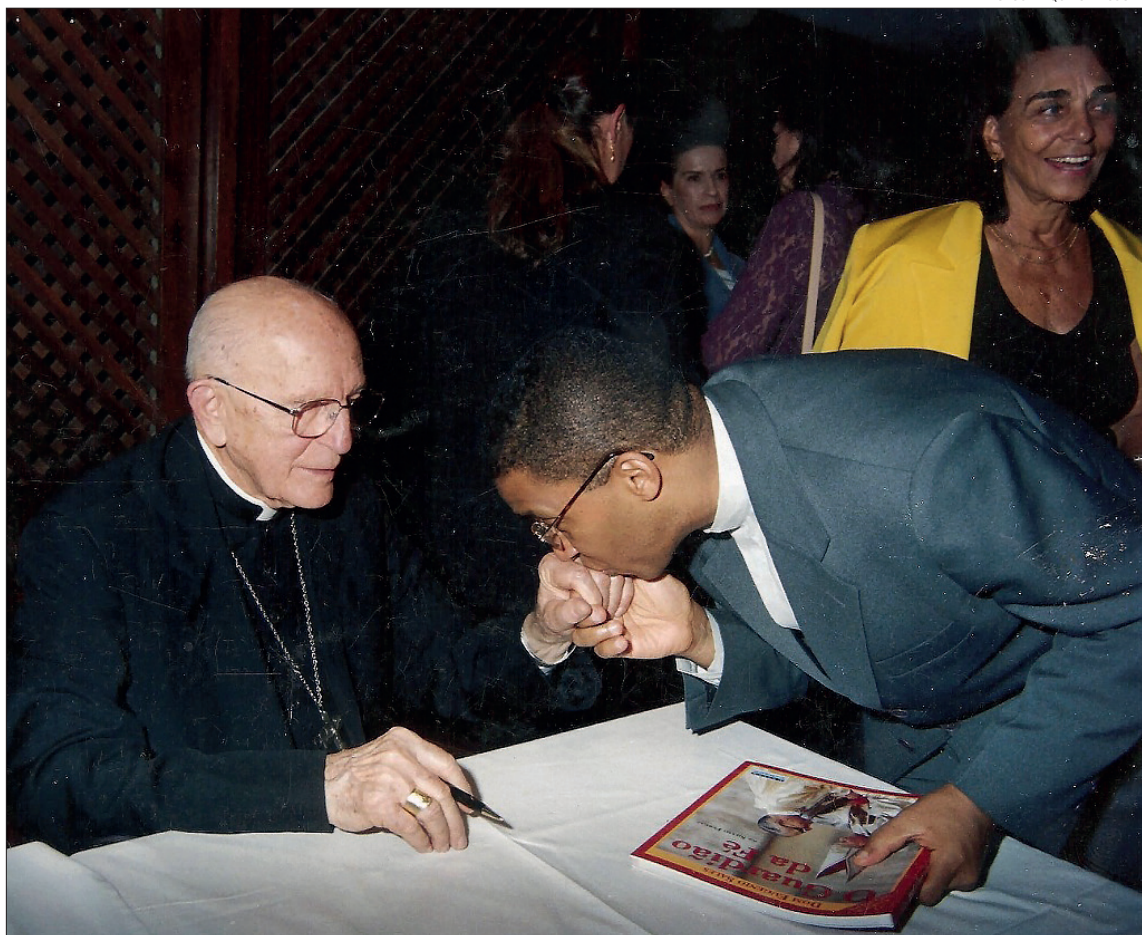
‘Tornou-se, em 1950, professor de teologia da Escola de Serviço Social de Natal, sendo designado em julho de 1954 bispo auxiliar de Dom Marcolino de Sousa Dantas, arcebispo da cidade. Sua sagração como

bispo foi feita, em agosto do mesmo ano, por Dom José de Medeiros Delgado, arcebispo do Maranhão; Dom Eliseu Simões Mendes, bispo de Mossoró (RN); e Dom José Adelino Dantas, bispo de Caicó (RN)<sup>3</sup>.

Bispo antes do Concílio Vaticano II, Dom Eugenio teve uma trajetória de grande desenvoltura social. Distante das ideologias que desde então já se infiltraram na lógica social e político-acadêmica, como o marxismo, Dom Eugenio, seguindo a intuição da *Doutrina Social da Igreja*, atuou com energia e ‘vanguarda’ eclesial nas diversas áreas sociais, em particular, filho do Nordeste (Seridó), ele se batia, como bispo e religioso, pela promoção humano-integral, através da aplicação da *sã doutrina* e da coragem em enfrentar interesses escusos à dignidade humana.

*Fundou em 1948 o Serviço de Assistência Rural (SAR), difundindo em Natal e no interior do estado os Centros Sociais da Comunidade, destinados a prestar serviços de assistência religiosa e social. Fundou também, na periferia de Natal, escolas-ambulatório ligadas aos centros comunitários, assim como a Obra do Bom Pastor e o Lar das Mães. Quando dirigia as obras sociais da arquidiocese da capital de seu estado, fundou dois patronatos para menores carentes, um instituto para menores infratores e o Centro de Treinamento de Líderes do Nordeste. Foi também o fundador da Assistência Social Penitenciária, formada por voluntários dedicados à assistência religiosa e ao amparo moral aos presos<sup>4</sup>.*

Destacou-se, como arcebispo de Natal, sua luta social, pelo instrumento mais essencial na autêntica promoção humano-social: a educação e a catequese dos mais pobres. Arrojado,



No lançamento do livro “O guardião da fé”, em 2005

iria desenvolver e promover a educação de base à distância pelo uso radiofônico, a formação de agentes populares educativos, sempre distante dos sabores do modismo marxista, apresentado ainda hoje, por muitos, como remédio eficaz para o progresso social.

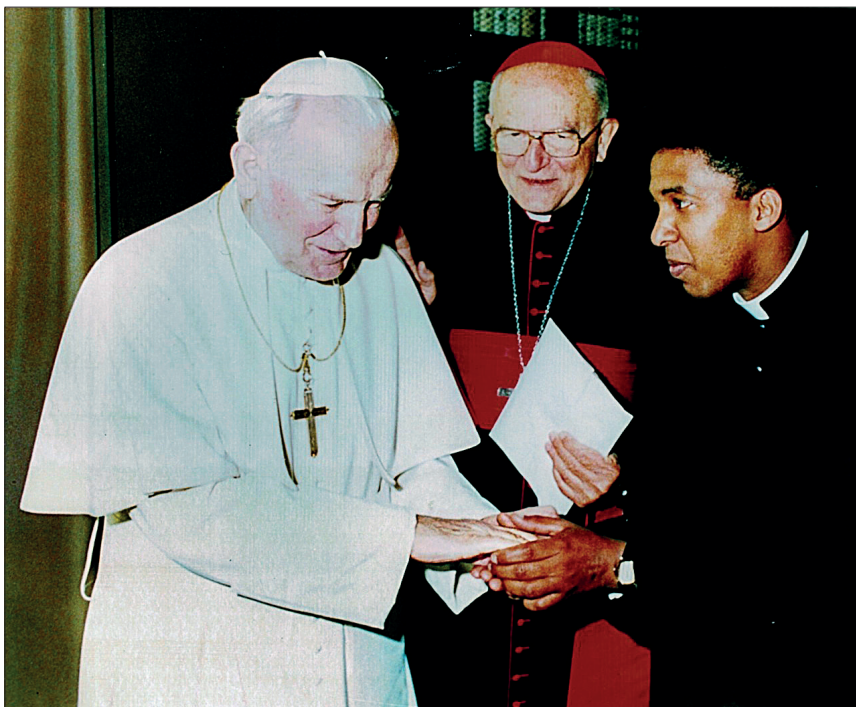
*Ainda em 1959, Dom Eugenio criou no Rio Grande do Norte a Emissora de Educação Rural — responsável pelo lançamento de um programa de alfabetização rural no qual foram utilizados três mil rádios transistores, doados pelo Governo Federal — e a Fundação Pio XII, visando à colonização agrícola. Foi eleito, em 1961, secretário da Regional Nordeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No ano seguinte, passou a administrador apostólico sede plena da Arquidiocese de Natal, e exerceu as funções de arcebispo, em virtude da idade avançada de Dom Marcolino de*

*Sousa Dantas, arcebispo titular. Ainda em 1962, iniciou em Natal a experiência piloto de religiosas assumirem paróquias, posteriormente estendida a todo o país. Também em 1962, participou do Congresso Internacional de Serviço Social. Em 1963, criou cursos de aperfeiçoamento para bispos e participou do Concílio Vaticano II, realizado em Roma, tendo integrado as comissões de elaboração do documento sobre o apostolado leigo e da Encíclica “Gaudium et spes”, concluídos em 1965<sup>5</sup>.*

Sob a batuta do Papa Paulo VI, recém-eleito para a Cátedra de Pedro, e para condução e conclusão do Concílio Vaticano II, maior evento da Igreja do século XX, duas passagens marcam a vida deste prelado nordestino: o cardinalato (1970) e a vinda ao Rio Janeiro (1971).

*Em 1964, Dom Eugenio Sales foi transferido para*

*Salvador para assumir a função de administrador sede plena da arquidiocese, como auxiliar do arcebispo titular, Dom Augusto Álvaro da Silva. Daquele ano até 1966, presidiu o Secretariado de Ação Social da CNBB, em substituição a Dom Avelar Brandão. Em 1965, reformulou o processo de planejamento das pastorais em Salvador, promovendo, com as bases da comunidade, debates sobre seus problemas básicos, como saúde e educação, dos quais participaram cerca de 40 mil pessoas, entre religiosos, párocos e leigos. Em junho do mesmo ano, participou da reunião dos bispos do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), realizada na Venezuela. Fundou, ainda em 1965, o Instituto de Desenvolvimento Integral (IDI), com o objetivo de integrar a religião e a participação comunitária,*



Papa João Paulo II, Dom Eugenio e padre Pedro Paulo, em 1991

criando, desse ano até 1971, 20 paróquias na periferia de Salvador, dirigidas por religiosas. Eleito presidente do Departamento de Ação Social do Celam em 1965, visitou todos os países da América Latina, inclusive Cuba, àquela altura já socialista, para estudar as realidades locais em conferências com os respectivos arcebispos<sup>6</sup>.

Na arquidiocese do Rio de Janeiro

Em março de 1971, Dom Eugenio Sales foi nomeado cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, substituindo Dom Jaime de Barros Câmara, recém-falecido. Na ocasião, devido à sua fama de conservador, 67 padres do Rio declararam-se contrários à sua indicação para o cargo. Ainda em 1971, foi designado representante do episcopado brasileiro no Sínodo dos Bispos, em Roma<sup>7</sup>.

Nunca temeu contestações, nem por isso acomodava-se às pautas das opiniões favoráveis às 'patrulhas' de todos os seguimentos ideológicos. De um

lado, respeito e diálogo incansável em tempo de tentações de 'guerrilhas' e uma postura crítica quando se feria o bom senso, a religião e a dignidade humana.

Sua experiência no Celam possibilitou segurança no trato de uma temática delicada em tempos de regime militar: o trato com os exilados. Organizou e abrigou centenas de pessoas que sofriam riscos de vida, mesmo estando em posição contrária às ideologias que animaram suas 'lutas políticas'<sup>8</sup>.

Ainda em 1971, Dom Eugenio elaborou o primeiro plano conjunto da pastoral no Rio de Janeiro, com a participação de paróquias e comunidades de base. Em 1972, criou a Pastoral do Trabalhador e o Vicariato Episcopal para Religiosas, coordenado por uma religiosa e assistido por um bispo<sup>9</sup>.

Por outro lado, desagradava setores conservadores, quando em 1975, fundava a Pastoral Carcerária e a das Favelas.

Em momentos plúmbeos como aqueles dos anos 70, ele representava uma ponte entre a Igreja e o Estado, um passaporte

para o diálogo, sem, no entanto, omitir-se diante de erros: como a submissão ao atropelamento dos direitos humano-políticos (AI5) ou a posições eclesiais inspiradas na 'Teologia da Libertação', acusada de seguir ditames marxistas<sup>10</sup>.

No fim de março de 1978, o presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, visitou o Brasil, ocasião em que se encontrou com Dom Eugenio e Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo. A propósito do encontro em que foi discutida a situação dos direitos humanos no Brasil, o "Jornal do Brasil" afirmou: "O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro é considerado um moderado. Foi graças a ele que se manteve o entendimento entre a Igreja e o Estado durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici"<sup>11</sup>.

Destaca-se em sua ação no Rio de Janeiro a promoção da primeira visita pastoral de um Pontífice à América Latina, em 1980:

Em junho de 1980, o Papa João Paulo II iniciou uma visita de 12 dias ao Brasil, o que se transformou no maior acontecimento religioso da história do país. No Rio de Janeiro, onde foi recebido por Dom Eugenio Sales e cumpriu extensa agenda, sua santidade visitou a favela do Vidigal, preparada pela Cúria Metropolitana para recebê-lo. Na ocasião, dirigindo-se aos bispos brasileiros, João Paulo II afirmou: "A Igreja em todo o mundo

quer ser a Igreja dos pobres. A Igreja em terras brasileiras quer ser também a Igreja dos pobres, isto é, quer extrair toda a verdade contida nas bem-aventuranças de Cristo". Comentando a preferência pelos pobres indicada pelo Papa, Dom Eugenio Sales afirmou ser ela "um sinal da autenticidade do trabalho evangélico dos bispos e do conjunto dos católicos", mas observou: "A Igreja, porém, não se identifica com uma classe social, ela é essencialmente mediadora"<sup>12</sup>.

Sem escolher entre Pontífices de seu gosto ou naipes ideológico, Dom Eugenio foi colaborador fidelíssimo dos Papas Paulo VI e, sobretudo, amigo pessoal de João Paulo II<sup>13</sup>, exercendo seu Episcopado em favor do Brasil, em união devota aos ensinamentos e orientações do Sumo Pontífice:

Ao longo dos anos 1980, ele integrou simultaneamente mais de dez congregações, comissões e conselhos que assessoraram o Papa e dirigiram, de fato, o mundo católico: foi membro da Sagrada Congregação para o Culto Divino; copresidente das sagradas congregações para os Bispos, para o Clero, para a Igreja Oriental, para a Evangelização dos Pobres e para a Educação Católica; copresidente do Pontifício Conselho para a Cultura e da Pontifícia Comissão para os Meios de Comunicação Social; além de integrar o Conselho Permanente dos 15 Cardeais, que trata dos assuntos financeiros do Vaticano, e o Conselho dos Negócios Públicos da Igreja, órgão da Secretaria de Estado do Vaticano<sup>14</sup>.

Como afirmei no início deste longo e exuberante percurso

biográfico, é fácil e difícil falar de Dom Eugenio Sales, ao longo dos 30 anos à frente desta arquidiocese.

Um homem da Igreja, um cidadão brasileiro e nordestino autêntico, uma alma simples e devota, mas arrojado, tenaz e competente. Além de detentor de uma virtude, que parece cecer nesses dias, a coragem em defender a verdade, pois Dom Eugenio não temia desagradar, fora ou dentro da Igreja, para se alinhar às opiniões da maioria.

Sua renúncia ao cargo de arcebispo do Rio de Janeiro foi solicitada em 1997, quando já completara 75 anos. Mas por indulto especial do Papa João Paulo II, foi autorizado a permanecer à frente da arquidiocese até completar 80 anos. Entretanto, Dom Eugenio manteve sua influência na arquidiocese. Sua aposentadoria foi finalmente aceita no dia 25 de julho de 2001, tendo sido, nomeado pelo Papa, administrador apostólico do Rio até a posse de Dom Eusébio, em 22 de setembro. Nesse período, recebeu o título de arcebispo emérito da cidade do Rio de Janeiro<sup>15</sup>.

Viria a falecer aos 9 de julho de 2012 em sua residência no Sumaré, aos 91 anos de idade.

Estando presente em seu velório na Catedral Metropolitana, com milhares de fiéis, gente de todos os extratos sociais, aliás, herança de sua postura conciliadora (não sectária), assisti aquele 'micro evento', tão simbólico, que chamaria a atenção dos fiéis e da imprensa, aquela pomba branca pousada sobre seu esquife. Provavelmente, a última mensagem silenciosa e eloquente de um grande Homem de Deus e da Igreja desse século XX.

**PADRE PEDRO PAULO A. SANTOS**  
DOUTOR EM TEOLOGIA BÍBLICA  
pedosantos@gmail.com

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>1</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 04 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Minha formação sacerdotal no Seminário São José iniciou-se dois anos após a sua chegada ao Rio, em 1973. Por suas mãos fui ordenado sacerdote, em 1985. Por ele enviado a Roma para os estudos (mestrado e doutorado), em 1989.

<sup>3</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 04 de novembro de 2020.

<sup>4</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>5</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>6</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de Novembro de 2020.

<sup>7</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>8</sup> No ano seguinte (1976), criou um serviço permanente de assistência a refugiados políticos latino-americanos, no Rio de Janeiro, objeto de um convênio firmado mais tarde com a representação da Organização das Nações Unidas

(ONU). Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>9</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>10</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 04 de novembro de 2020.

<sup>11</sup> [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html)

<sup>12</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicio->

narios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>13</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

<sup>14</sup> Entreguei, durante anos (1992-1997), o famoso mamão-papaia, que era sinal da presença de Dom Eugenio em Roma, ao Sumo Pontífice, João Paulo II.

<sup>15</sup> Cf. <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales> Acesso: 4 de novembro de 2020.

# Dom Eugenio de Araujo Cardeal Sales

DIVULGAÇÃO

Dom Eugenio de Araujo Sales sempre significou, para mim, a personificação do “Amor à Igreja” e, consequentemente, de um profundo respeito e amor ao Papa, como Vigário de Jesus Cristo na terra, fosse quem fosse o Papa.

Disse-me uma vez: “Leio todos os escritos do Papa, seus documentos e discursos, e acompanho fielmente seus ensinamentos”.

Veja-se nesta mesma direção, os “Cursos de atualização teológica para Bispos”, que promovia no início do mês de fevereiro de cada ano, convidando conferencistas alinhados com os ensinamentos pontifícios. Cito, entre esses mestres, personalidades, como Cardeal Joseph Ratzinger, Cardeal Bernardin Gantin, Cardeal Dario Castrillon, Dom Elio Sgreccia, mais tarde cardeal.

**“Dom Eugenio de Araujo Sales sempre significou, para mim, a personificação do ‘Amor à Igreja’ e, consequentemente, de um profundo respeito e amor ao Papa, como Vigário de Jesus Cristo na terra, fosse quem fosse o Papas”**

**“Penso que Dom Eugenio capitalizou um grande respeito para com sua pessoa, quer dentro dos ambientes eclesiais, quer fora deles”**

Promovia outros cursos abertos a sacerdotes e a leigos, como o que aconteceu para o estudo do *Novo Código de Direito Canônico* e para o estudo da Encíclica “*Laborem Exercens*”, quando convidou como conferencista principal o sociólogo e cientista político italiano Rocco Butiglione, logo após suas respectivas publicações.

Penso que Dom Eugenio capitalizou um grande respeito para com sua pessoa, quer dentro dos ambientes eclesiais, quer fora deles. Durante o tempo da Revolução de 1964, nenhum sacerdote da Arquidiocese do Rio de Janeiro ficou preso. E, quando um foi preso, ao sabê-lo, Dom Eugenio foi ao quartel, pessoalmente, buscá-lo.

Em seus últimos anos à frente da arquidiocese, promoveu, em cujo ano não me recordo, Hora Santa de adoração ao Santíssimo Sacramento pela santificação do Clero, na festa do Sagrado Coração de Jesus. Agendou seu horário de adoração para as 23h. Ao descer do Sumaré, foi interceptado



Da esq. para a dir., os cardeais Lucas Moreira Neves, Joseph Ratzinger e Eugenio de Araujo Sales, durante o Curso Anual dos Bispos, no Sumaré, em 1990

por um grupo armado. Não reconheceram seu carro. Vidro abaixado, viram que era Dom Eugenio; abaixaram os fuzis e disseram sorrindo: “Somo nós, somo nós!” Dom Eugenio sorria ao lembrar o episódio.

Numa de minhas visitas, mandou seu carro buscar-me no aeroporto. Ao subirmos para o Sumaré, havia um grupo armado. Ao verem o carro de Dom Eugenio, abaixaram os fuzis. Disse-me o seu secretário: “abaixe a cabeça e não olhe para eles.”

Dom Eugenio e Dom Helder eram amigos de se tratarem por apelidos carinhosos. Walter Billman, em seu livro publicado

em 1974, “*La Terza Chiesa alle Porte*”, ao falar do protagonismo da Igreja na América Latina, descreveu: “graças a Dom Helder, Dom Eugênio pôde fazer um belo trabalho no Rio de Janeiro e, graças a Dom Eugenio,

**“Graças a Dom Helder, Dom Eugênio pôde fazer um belo trabalho no Rio de Janeiro e, graças a Dom Eugenio, Dom Helder nunca foi preso”**

Dom Helder nunca foi preso”.

Era, sempre, muito discreto. Falava pouco e com grande sabedoria. Tinha sempre uma postura de equilíbrio em questões polêmicas com um grande respeito por quem tivesse um pensamento divergente do seu. Soube fazer-se presente nos momentos difíceis da nação, sem chamar atenção sobre si mesmo. Era um farol seguro em mar borrascoso. Considero-o um dos grandes vultos da história recente da Igreja no Brasil.

Podemos cantar, hoje: “Euge serve bone et fidelis, intra in gaudium Domini tui” (Mt 25,21).

+ JOÃO BOSCO ÔLIVER DE FARIA  
ARCEBISPO EMÉRITO DE DIAMANTINA



## Dr. Wellington Vasques

Novo Conceito em Odontologia

Especialidades

Com atuação

Bichectomia  
Cirurgia Buco Maxilo-Facial  
Endodontia  
Implantodontia  
Lente de Contato  
Odontogeriatrica  
Odontopediatria  
Ortodontia-Pacientes especiais  
Periodontia-Prótese  
Toxina Botulínica (Botox)

Vila da Penha

Campo Grande

(021) 2415-0014 / 2413-4884  
(021) 97301-2655  
@odontovasquescg  
www.odontovasques.com

(021) 3301-1271 / 3301-1147  
(021) 96715-5131  
@odontovasquesvp  
www.doutorvasques.com

**PSOG**  
PROGRAMA SOCIAL ODONTOLÓGICO GESTACIONAL  
PRÉ NATAL ODONTOLÓGICO

**PSITI**  
PROGRAMA SOCIAL DE IMPLANTE DA TERCEIRA IDADE



# MÊS DE OUTUBRO

# 96,72%

DA META



# 100%

*Obrigada pela sua colaboração*

CATEDRAL  
FM 106,7

# Dom Eugenio Sales

**H**á muitos anos que o dia 9 de julho se tornou um dia marcante na minha vida, é o dia da padroeira de nossa paróquia, Nossa Senhora da Paz. Naquele ano de 2012, ele se tornaria inesquecível: o senhor Cardeal Dom Eugenio que, após ter deixado o governo da arquidiocese fora convidado por nosso pároco, monsenhor Manuel Vieira, a estabelecer seu gabinete no edifício paroquial da paróquia de Ipanema, cumpria sua missão e partia para junto do Bom Deus.

A pedido do monsenhor Manuel, padre Omar, padre José Ricardo e eu fomos ao Sumaré e lá encontramos monsenhor José Roberto Develard. Dom Orani já havia entrado em contato conosco, pedindo que o padre José Ricardo, com sua proverbial experiência, cuidasse com toda diligência de que não somente o corpo de Dom Eugenio, mas também o seu funeral, fossem preparados com a maior dignidade possível. Até hoje me lembro do padre José Roberto pedindo ao padre José Ricardo que cuidasse dele quando falecesse.

Além de toda dignidade com que nossa arquidiocese velou aquele que por mais de 30 anos fora seu pastor, com uma vigília ininterrupta na Catedral, o corpo de Dom Eugenio foi acompanhado por uma multidão até a cripta da Catedral onde foi sepultado ao lado do túmulo de Dom Jaime. Uma curiosidade: com a urna, foram depositadas moedas circulantes em 2012, junto

com uma ata que continha sua biografia, a pedido do padre José Ricardo, cujo texto segue abaixo.

“O Eminentíssimo Senhor Cardeal Dom Eugenio de Araujo Sales nasceu na cidade de Acari, região do Seridó, Estado do Rio Grande do Norte. Filho de Celso Dantas Sales, advogado e juiz, e Josefa de Araujo Sales, ali nasceu a 8 de novembro de 1920. Do casamento nasceram os irmãos Sílvio, Alaíde, Cleomar e Heitor. Viúva, a senhora Josefa Sales contraiu segundas núpcias com Henrique Santana e gerou os filhos Max, Ney e Otto.

No livro 20, à folha 42 de nº 288, da Paróquia Senhora Guia, está anotado o seu batismo administrado pelo padre João Clemente de Moraes Barreto a 28 de novembro de 1920. Seus padrinhos foram o casal Dr. José Augusto Bezerra de Menezes e Alice Godoy de Medeiros.

Depois de transferido para as cidades de Nova Cruz e São José de Mipibu, o Dr. Celso foi promovido a desembargador e, consequentemente, mudou-se para Natal com a família. Aí, em 1930, já adolescente, Eugenio começou a cursar o 1º grau na escola particular de Dona Iracema Backer e Áurea Magalhães; e entre 1931 e 1935, o 2º grau no Colégio Marista Santo Antonio. Conhecido por sua responsabilidade e aptidão para os estudos, por vezes assumia a disciplina da turma. Já nesta época escrevia artigos para o jornal católico “A Ordem”.

Sua pretensão ao



Padre Jorge Luiz e Dom Eugenio Sales

ingressar no Colégio Marista era a de ser agrônomo, desejo herdado da vida de sertanejo que levava. Mas, decidiu-se pelo sacerdócio.

Em 1936, ingressou no Seminário Menor de São Pedro. Após o curso de humanidades, foi enviado ao Seminário Maior da Prainha, em Fortaleza. Lá permaneceu de 1937 a 1943.

Sua ordenação diaconal ocorreu no dia 16 de março de 1943. Na manhã do dia 21 de novembro do mesmo ano, foi ordenado sacerdote por Dom Marcolino na antiga Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, e celebrou a primeira missa por ocasião da festa da padroeira com homilia proferida por monsenhor Paulo Herôncio.

No início do seu ministério sacerdotal, recebeu a nomeação para coadjutor da Paróquia de Nova Cruz e capelão do Colégio Nossa Senhora do Carmo. Em 1944, transferido para Natal, foi designado capelão do Colégio Marista, diretor espiritual e professor do Seminário São Pedro.

Já quase no final da vida de Dom Marcolino, o Papa Pio XII o elegeu bispo titular de Tibica e auxiliar de Natal. Sua sagração ocorreu a 15 de agosto de 1954, na Igreja Matriz do Alecrim, em Natal. O arcebispo do Maranhão, Dom José de Medeiros Delgado foi o sagrante principal; consagrantes, os

bispos de Mossoró e Caicó, Dom Eliseu Simões Mendes e Dom José Adelino Dantas.

Em virtude da saúde frágil do arcebispo, Dom Eugenio Sales foi nomeado administrador apostólico sede plena de Natal, em 6 de janeiro de 1962, função exercida até 1964. Neste ano, foi também nomeado administrador apostólico sede plena da Arquidiocese de Salvador. Às 15h do dia 30 de agosto, tomou posse no Palácio da Sé. Até a posse de seu sucessor em Natal, permaneceu no governo das duas dioceses.

No dia 29 de outubro de 1968, foi nomeado pelo Papa Paulo VI arcebispo de Salvador.

Datada de 28 de março de 1969 é a carta na qual o Papa Paulo VI comunica oficialmente a escolha de Dom Eugenio Sales para o Colégio Cardinalício. Durante o Consistório realizado entre os dias 28 de abril e 1 de maio do respectivo ano, foi criado cardeal.

No dia 13 de março de 1971, foi nomeado arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro por Sua Santidade o Papa Paulo VI, exercendo este sagrado ministério até 25 de abril de 2001, quando foi nomeado administrador arquidiocesano pelo Santo Padre, João Paulo II, até a posse de seu sucessor, Dom Eusébio Oscar Scheid, a 22 de setembro de 2001.

Desde então, o Emmº Senhor Cardeal continuou sua missão escrevendo artigos semanais, publicações em jornais e transmitidos por emissoras de rádio e televisão, vindo a estabelecer seu gabinete nas dependências da Paróquia Nossa Senhora da Paz, em Ipanema.

Aos nove dias do mês de julho de 2012, da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, após o jantar e tendo-se deitado depois da oração das Completas, faleceu piedosamente, entregando sua alma nas mãos de Deus, cumprindo até o fim seu lema episcopal: “Impedam et Superimpendar” (2Cor 12,15).

Foi sepultado na cripta da Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, por ele consagrada solenemente a 15 de agosto de 1979; aos 11 dias do mês de julho de 2012, após a celebração da santa missa exequial, celebrada pelo Ex.mo Sr. arcebispo Dom Orani João Tempesta, O.Cist, com a presença de numerosos cardeais, arcebispos e bispos, membros do Cabido Metropolitano, sacerdotes religiosos e consagradas, com a presença do governador de Estado e prefeito da cidade, e grande multidão de fiéis”. RIP. Ad Perpetuam rei memoriam.

# Barrete de sangue, de carne e de couro

GUSTAVO DE OLIVEIRA

Eugenio de Araujo Sales nasceu na cidade do Acari, no interior do Rio Grande do Norte, na região semiárida do Seridó. Essa é uma terra inóspita, causticante, mas é ela que forja o povo mais forte do estado potiguar. Para viver no sertão é preciso ter muita coragem e resistência de sobra. É, por isso, que quem nasce aqui se assemelha tanto ao berço originário: é duro por fora, mas feito de vida por dentro.

Quem visita o Seridó em tempos de estiagem não entende como possa existir vida, quanto mais uma vintena de cidades, no meio da caatinga, onde primeiramente viveram índios que, com europeus lusitanos e africanos, fazem essa civilização. Falta água, ou melhor, não se tem água de sobra, a paisagem é cinzenta, na maior parte do ano, as temperaturas são menos quentes apenas na noite a dentro. O muito suor que se derrama faz preciosa essa terra e é nela que se encontra Deus.

Se o mapa do Rio Grande do Norte lembra a alguns um elefante, o Seridó é exatamente a sua base de sustentação, aqui estão as pernas que fazem um dos menores estados brasileiros andarem. Outrora, foi o algodão a economia principal, o chamado ouro branco, que dava uma renda extra à população rural. O bicudo devastou o algodão mocó, conhecido por sua fibra longa, como é o povo que aqui vive. O Seridó enfrenta processo de desertificação e o cultivo do algodão, se não tivesse desaparecido, teria acelerado tamanho desgaste.

Com poucos anos de vida, Eugenio Sales, filho do desembargador Celso e sua esposa Teca viram o nascimento do filho Heitor, também ungido por Deus para o ministério sagrado. As férias escolares também eram vividas no Acari, uma cidade que traduz tão bem o jeito seridoense de existir com destemor e poesia. Essa mimosa cidade, ainda hoje, conserva-se pequena em sua estatura, mas o que lhe falta em extensão, sobra em profundidade.

**“Eugenio é sertão, sua inspiração tem a pureza do vaqueiro que sente a presença de Deus no abraço das serras que envolvem o Acari”**

O sertão e sua gente se confundem. Oswald Lamartine escreveu que “o sertão é um estado de graça” e, a partir de sua intuição, pode-se dizer que o sertão

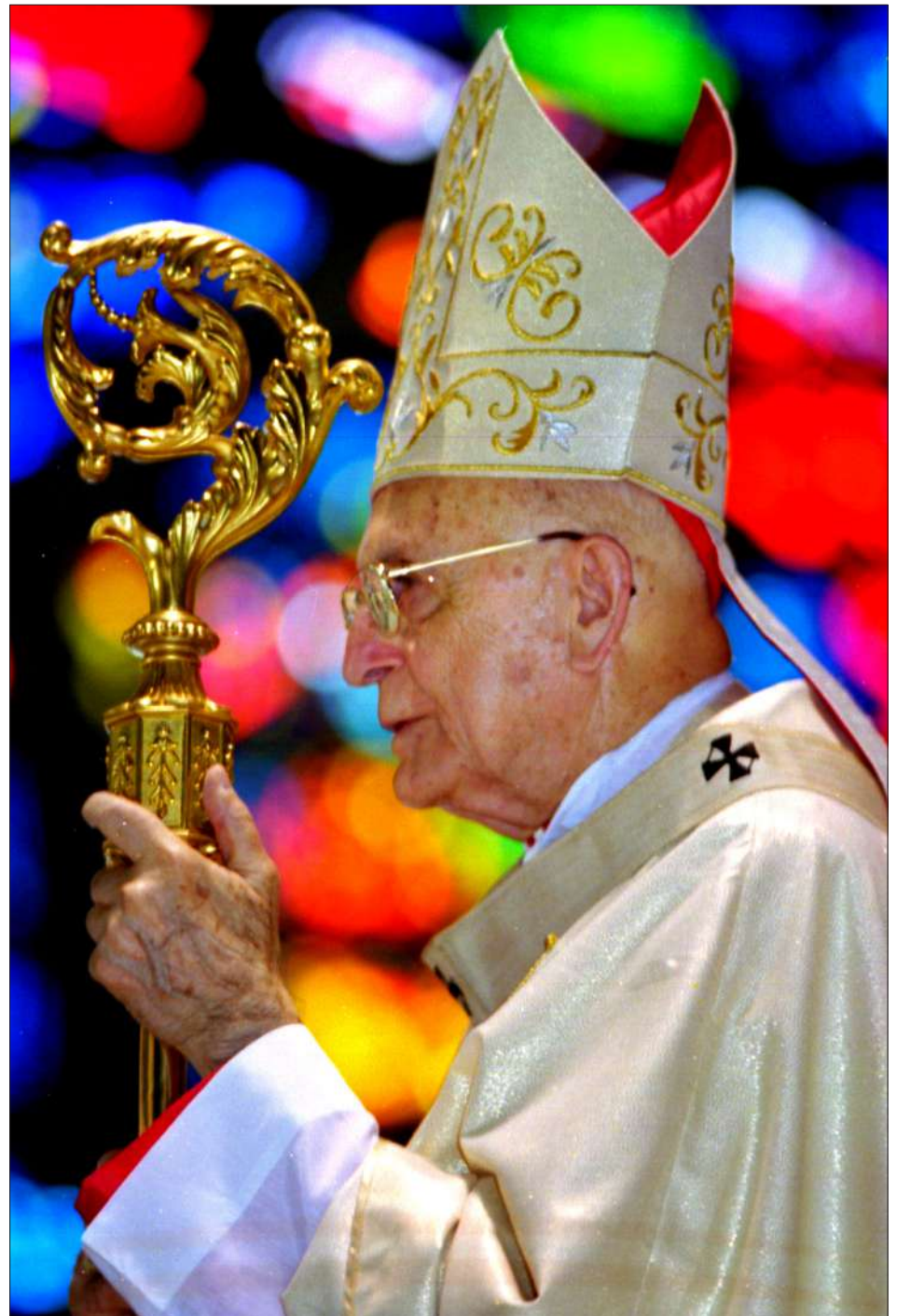
é um estado de vida. Sua gente com ele se confunde e aí estão os sertanistas – por exemplo, na literatura, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e a sempre querida Rachel de Queiroz – para dizerem que o sertão é um útero. Se é de dentro para fora que a força da vida aflora, antes de ser litoral, a vida se fez sertão.

**“A terra seridoense bem que explica o interior do homem sobre o qual Deus quis construir o farol que guiou o povo”**

Eugenio é sertão, sua inspiração tem a pureza do vaqueiro que sente a presença de Deus no abraço das serras que envolvem o Acari. O vaqueiro é um ícone do sertão do Seridó e na Terra das Cordilheiras, como o Acari é chamado, a pecuária continua sendo uma inspiração para os pastores do povo de Deus entenderem que é preciso amar não somente a rês, mas também o cheiro do curral. Isso explica porque Eugenio Sales pensou em ser agrônomo. Sem terra ninguém vive, em parte alguma, muito menos no Seridó. Ele é um cardeal do Seridó, porque ele tem o couro resistente do povo do sertão potiguar. Como se diz em tom popular, Eugenio sempre teve o couro grosso, como o couro dos santos mártires potiguares, por cuja causa sempre se interessou desde jovem sacerdote, em Natal, onde fortaleceram-se suas entranhas de compaixão.

Para embrenhar-se mata a dentro, à procura de sua rês ou outra criação, o vaqueiro coloca o gibão, a perneira, a luva, o chapéu de couro. O sertão é lugar de labuta muita e, ao mesmo tempo, de descanso. A alma se encontra em sintonia com Deus, na simplicidade do sertão. A púrpura cardinalícia não roubou a simplicidade do menino Eugenio. A liturgia romana, por ele celebrada, evidenciava bem a característica que o sertanejo tem de escolher o essencial. Sua fala era pouca, e sobre a fala do sertanejo bem serve o poema de João Cabral de Melo Neto, que disse o sertanejo se comunicar usando o idioma pedra; mesmo assim, as palavras são “como rebuçadas [...], na glace de uma entonação lisa, de adocicada”.

Num homem de Deus estava o sertão, que fala pouco e não tergiversa, que é o que é, que não esconde sua condição semiárida, mesmo quando o inverno o reverdece, deixa-o todo envivecido.



Padre Gleiber: “Ele tem o couro resistente do povo do sertão potiguar”

O sertão não morre; despe-se de sua folhagem e isso explica porque a fé de sua gente é tão teimosa. As pedras que ilustram o cenário do sertão são companheiras fiéis, que aqui estão desde tempos imemoriais e foram a primeira lousa para nossos ancestrais escreverem suas poesias em louvor ao Criador e deixarem-nos os vestígios da bravura de quem não temeu aqui existir.

A terra seridoense bem que explica o interior do homem sobre o qual Deus quis construir o farol que guiou o povo das arquidioceses de Natal, São Salvador da Bahia e São Sebastião do Rio de Janeiro. Parecia infatigável o Cardeal Sales, mas até o seu lema episcopal bem explica que não poderia ser diferente um filho do Seridó a quem Deus quis chamar para o ministério episcopal. Não satisfeito em se gastar, quis se desgastar em favor da construção da Igreja do Senhor. A grandeza da responsabilidade que tinha não o iludiu quanto a si; por isso, nada de vaidade, como bem atesta sua amizade com o Santo Wojtyła.

O contexto das raízes consegue explicar bem a copa, como se sabe. O sertão é, pois, o lugar onde se entende por qual razão o Cardeal Sales, pétreo em sua fé apostólica, de têmpera altiva, como seu elegante porte anunciava, não era absolutamente inacessível e tinha veias bem pulsantes de compaixão para com quem lhe fosse verdadeiro. A verdade, inclusive, é uma das características do sertão. Ao ensejo do primeiro centenário do seu nascimento, olhamos com redobrada alegria para o Seridó, satisfeitos em perceber o que o sertão pode fazer em quem o guarda n'alma e nele se pauta para conduzir a própria existência. A Virgem da Guia, padroeira do Acari, tão amada pelo seu filho cardeal, que tinha à cabeceira uma imagem sua, continua dizendo ao povo cristão que para Deus nada é impossível.

PADRE GLEIBER DANTAS DE MELO

PÁROCO DA PARÓQUIA SÃO SEBASTIÃO, EM FLORÂNIA, NA DIOCESE DE CAICÓ (RN)



42

**Tribunal Eclesiástico Interdiocesano do Rio de Janeiro**

**RIO DE JANEIRO**  
Nulidade de Matrimônio  
**PAULA – CARVALHO**

Prot. 047/19 – RJ  
LM

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2020.

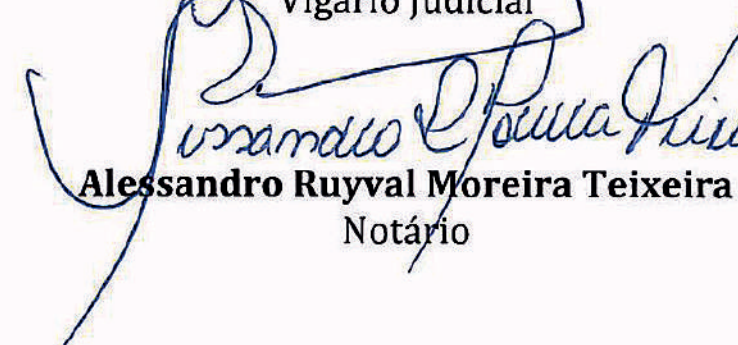
Ao Jornal Testemunho de Fé.

Prezado Senhores,

O abaixo assinado, Pe. Jorge Emílio Lutz Mazzini, Vigário Judicial, vem pelo presente solicitar ao **Jornal Testemunho de Fé** que tenha gentileza de publicar em 03 (três) edições consecutivas do corrente ano desse prestigiado Jornal, o Edital de convocação como segue: **Solicitamos o Sr. Maurício Ferreira de Carvalho, até o momento de domicílio desconhecido, para que tenha a gentileza de comparecer ao Tribunal Eclesiástico Interdiocesano do Rio de Janeiro, cujo endereço é Rua Benjamim Constant, nº. 23, 5º andar, sala 509, Glória, Rio de Janeiro – RJ, com a finalidade de tomar conhecimento do processo de declaração da nulidade do seu matrimônio com a Sra. Andréa Laura Nascimento de Paula, na Paróquia de São Sebastião, no dia 21 de maio de 1992.**

Atenciosamente,

  
**Pe. Jorge Emílio Lutz Mazzini**  
Vigário Judicial

  
**Alessandro Ruyval Moreira Teixeira**  
Notário



# O noivo está chegando...

Ao aproximar-se o final do ano litúrgico, a liturgia da Palavra nos apresenta textos que nos exortam à vigilância e a tomarmos consciência daquilo que recitamos todos os domingos e solenidades, na liturgia, quando professamos nossa fé: o Senhor Jesus virá uma segunda vez, para “julgar os vivos e os mortos”.

O tema da segunda volta de Cristo abre e encerra o ano litúrgico. Tanto no início do Advento, quanto nas últimas semanas do tempo comum somos recordados dessa realidade, pela liturgia da palavra. Essa “tensão escatológica”, ou seja, essa espera pela segunda vinda do Senhor é o que nos mantém “acordados e vigilantes”.

Os caps. 24-25 de Mateus nos apresentam o discurso escatológico de Jesus, marcado por quatro parábolas: a parábola da figueira (24,32-36); a parábola do mordomo (24,45-51); a parábola das dez virgens (25,1-13) e a parábola dos talentos (25,14-30). A terceira destas parábolas nos é apresentada neste domingo: a parábola das dez virgens (25,1-13).

O Senhor Jesus compara o Reino dos Céus a dez virgens que, tomando suas lâmpadas de óleo, saem ao encontro do noivo no cortejo nupcial. Cinco são “imprevidentes” (no original grego o termo utilizado é *mopos*, literalmente “loucas, insensatas”) e cinco são “previdentes” (no original grego o termo utilizado é *phronimós*, literalmente “sensatas, que têm bom senso”). As virgens ditas “previdentes”, “sensatas”, levam não somente as suas lâmpadas acesas mas, também, portam consigo o óleo, a fim de manter a chama das mesmas lâmpadas, caso o noivo tarde a chegar. As virgens insensatas levam suas lâmpadas, mas não portam consigo óleo suficiente para que estas permaneçam acesas.

O noivo demora a chegar e todas adormecem. É “no meio da noite” que chega o noivo. Entram com ele as que estão prontas, as virgens sensatas. As insensatas vão tentar, na última hora, adquirir óleo para suas lâmpadas, mas é tarde demais. Quando retornam, as portas da festa de casamento já se fecharam. Inutilmente eles batem à porta e gritam: *Senhor! Senhor!* Este lhes responderá de dentro do banquete: *Em verdade, vos digo: não vos conheço!* O Senhor Jesus termina a parábola com uma exortação: “*Vigiai, portanto, porque não sabeis o dia nem a hora*” (cf. Mt 25,13). Exortação semelhante encontramos em 24,42:



*“Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia vem vosso Senhor.”*

A parábola é uma alusão à segunda vinda de Cristo. Ele é o noivo esperado. Os que o aguardam são como as virgens da parábola. Não basta portar as lâmpadas acesas, é preciso ter também óleo suficiente, a fim de que as lâmpadas possam permanecer acesas, ainda que o noivo tarde a vir. E qual é o óleo que mantém acesa a chama da fé do cristão? Esse óleo é a busca constante de Deus. Aquele que não cessa de buscar a Deus, aquele que deseja a sabedoria, esse mantém sua lâmpada acesa todo o tempo, e fica pronto esperando o seu Senhor voltar.

A primeira leitura e o salmo nos exortam à essa busca constante de Deus. A primeira leitura é um trecho do livro da Sabedoria. A sabedoria “luminosa” e “imperecível” é “facilmente contemplada por aqueles que a amam” e se deixa encontrar “por aqueles que a procuram”. Aquele que “ficar acordado” por causa dela, haverá de viver despreocupado, porque ela mesma lhe sairá ao encontro. De que sabedoria o autor sagrado está falando, senão daquela que vem de Deus, e que nasce da meditação da Sagrada Escritura? Nesse sentido, a busca dessa “sabedoria” nada mais é que a busca do próprio Deus. O salmista também, por sua vez, se apresenta como aquele que busca a Deus “desde a aurora”, porque a sua alma “tem sede de Deus” como “terra

sedenta e sem água” (cf. Sl 62[63],2). Assim como o salmista devemos também buscar a Deus todo o tempo. Desse modo, não nos faltará o óleo, que manterá acesa a lâmpada da nossa fé, enquanto esperamos o Cristo voltar.

O Cristo voltará de modo repentino, “no meio da noite”, como diz a parábola. Essa afirmação nós a podemos entender em dois sentidos: em primeira lugar, ela nos aponta para a “parusia”, ou seja, a segunda vinda do Senhor, a qual será repentina e acontecerá quando menos esperarmos; num segundo sentido, tal afirmação nos recorda nossa Páscoa pessoal, nossa morte, que será nosso encontro com o Cristo, e isso também não sabemos quando se dará.

Ora, se não temos como saber com precisão nem o momento da nossa morte, que será nosso encontro pessoal com o Senhor, nem o momento da sua segunda vinda, não podemos perder mais tempo: é preciso ser vigilantes! Por isso, o ano litúrgico começa e termina fazendo ressoar aos nossos ouvidos a Palavra de Cristo, que nos desperta dizendo: “Vigiai!”

Vigiamos quando somos como as virgens sensatas. Vigiamos quando mantemos acesas nossas lâmpadas com o óleo da fé, que aumenta à medida em que buscamos a Deus com todo o coração; quando nos saciamos d’Ele; quando o buscamos na Palavra e nos Sacramentos.

Somos insensatos e não vigiamos quando deixamos que as vicissitudes do dia-a-dia falem mais alto. Somos insensatos e não vigiamos quando deixamos que as dificuldades da vida sejam como um vento forte, que apaga a chama da fé, deixando-nos na mais completa escuridão.

Aproveitemos essa “tensão escatológica”, ou seja, essa expectativa da segunda vinda do Senhor que os textos bíblicos, particularmente os evangelhos, destes últimos domingos do ano litúrgico nos apresentam, para rever a nossa vida; para compreender de maneira mais profunda, que vivemos na expectativa do mundo que virá, da vida eterna junto do Senhor para a qual tendemos. É essa a perspectiva que deve guiar cada uma das nossas atitudes. E que cada domingo, Páscoa Semanal, *oitavo dia*<sup>1</sup>, seja para nós uma pequena experiência do dia eterno e sem fim, no qual estaremos para sempre com o Senhor.

**PADRE FÁBIO SIQUEIRA**  
VICE-DIRETOR DAS ESCOLAS DE FÉ E CATEQUESE  
MATER ECCLESIAE E LUZ E VIDA  
ESSA PUBLICAÇÃO TAMBÉM ESTÁ EM:

[www.arqrio.org.br](http://www.arqrio.org.br)

<sup>1</sup>Em alguns textos, encontramos o domingo chamado de “oitavo dia”, por ser o dia “depois do sábado”, ou seja, o dia que está depois do sétimo dia. Claro que não é propriamente o “oitavo dia”, mas sim “o primeiro”. Contudo, ao chamar o domingo de “oitavo dia” os textos cristãos queriam apresentá-lo como um símbolo do dia eterno e sem fim, do dia sem ocaso, no qual estaremos para sempre com o Senhor.

## 32º DOMINGO DO TEMPO COMUM 8 DE NOVEMBRO DE 2020

1ª Leitura - Sb 6,12-16  
Salmo - 62

2ª Leitura - 1Ts 4,13-18  
Evangelho - Mt 25,1-13

### SEGUNDA-FEIRA

Dia 9 de novembro

1ª Leitura - Ez 47,1-2.8-9.12

Salmo - 45(46)

Evangelho - Jo 2,13-22

### TERÇA-FEIRA

Dia 10 de novembro

1ª Leitura - Tt 2,1-8.11-14

Salmo - 36 (37)

Evangelho - Lc 17,7-10

### QUARTA-FEIRA

Dia 11 de novembro

1ª Leitura - Tt 3,1-7

Salmo - 22 (23)

Evangelho - Lc 17,11-19

### QUINTA-FEIRA

Dia 12 de novembro

1ª Leitura - Fm 7-20

Salmo - 145 (146)

Evangelho - Lc 17,20-25

### SEXTA-FEIRA

Dia 13 de novembro

1ª Leitura - 2Jo 4-9

Salmo - 118 (119)

Evangelho - Lc 17,26-37

### SÁBADO

Dia 14 de novembro

1ª Leitura - 3Jo 5-8

Salmo - 111 (112)

Evangelho - Lc 18,1-8

# Livros do Novo Testamento (36)

Neste artigo se prossegue na questão acerca da formação dos quatro evangelhos, dos quais os primeiros são designados 'Sinóticos'.

*A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência. (DV 9)*

## OS EVANGELHOS

A Igreja apostólica está na origem e nas características de cada Evangelho, ela irá influir na tonalidade própria de cada um dos quatro evangelhos.

Ninguém ignora que entre todas as Escrituras, mesmo do Novo Testamento, os Evangelhos têm o primeiro lugar, enquanto são o principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado, nosso salvador.

*A Igreja defendeu e defende sempre e em toda a parte a origem apostólica dos quatro evangelhos. Com efeito, aquelas coisas que os Apóstolos, por ordem de Cristo, pregaram, foram depois, por inspiração do Espírito Santo, transmitidas por escrito por eles mesmos e por varões apostólicos como fundamento da fé, ou seja, o Evangelho quadri-forme, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. (DV 18)*

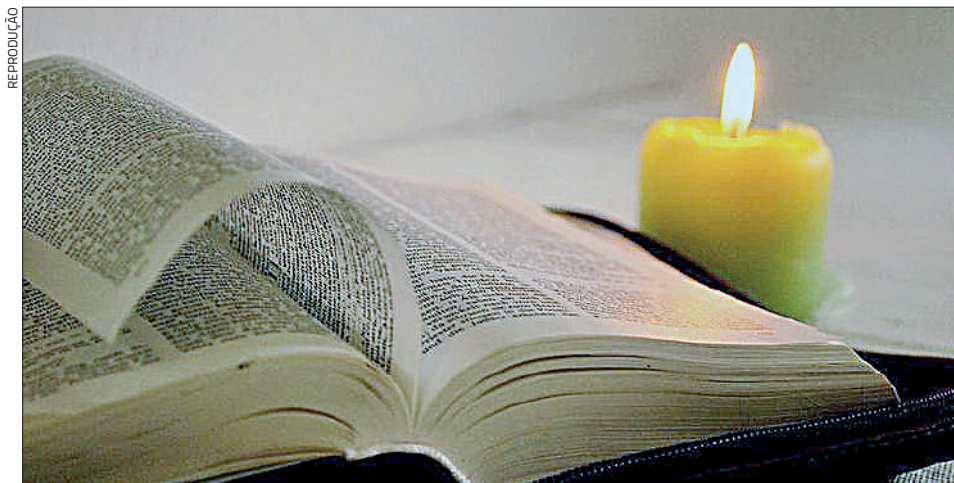
A Constituição "Dei Verbum" declara

'a origem apostólica dos quatro evangelhos (...) segundo Mateus, Marcos, Lucas e João' (n. 18).

Não há dúvidas que a Tradição ininterrupta da Igreja Apostólica, autora do Novo Testamento, e de certa maneira de toda a Bíblia cristã (livros do Antigo Testamento que os Judeus rejeitaram) afirma a origem e autoria apostólica dos evangelhos como selo de fidelidade destes escritos ao Mestre:

*A santa mãe Igreja defendeu e defende firme e constantemente que estes quatro evangelhos, cuja historicidade afirma sem hesitação, transmitem fielmente as coisas que Jesus, Filho de Deus. Durante a sua vida terrena, realmente operou e ensinou para salvação eterna dos homens, até ao dia em que subiu ao céu (At. 1. 1-2). Na verdade, após a ascensão do Senhor, os Apóstolos transmitiram aos seus ouvintes, com aquela compreensão mais plena de que eles, instruídos pelos acontecimentos gloriosos de Cristo e iluminados pelo Espírito de verdade gozavam, as coisas que Ele tinha dito e feito. Os autores sagrados, porém, escreveram os quatro evangelhos escolhendo algumas coisas entre as muitas transmitidas por palavra ou por escrito, sintetizando umas, desenvolvendo outras, segundo o estado das igrejas, conservando, finalmente, o carácter de pregação, mas sempre de maneira a comunicar-nos coisas autênticas e verdadeiras acerca de Jesus. Com efeito, quer relatassem aquilo de que se lembravam e recordavam, quer se baseassem no testemunho daqueles «que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra», fizeram-no sempre com intenção de que conheçamos a «verdade» das coisas a respeito das quais fomos instruídos (Lc. 1, 2-4). (DV 19)*

Jesus pregador e realizador do Reino de Deus, prolonga sua pregação e a atualiza permanentemente através da Pregação Apostólica. Trata-se da 'Verdade' transmitida. Ao contrário daquilo que



afirma recente e erroneamente a pregação protestante (séc. XVI), estes escritos, graças à inspiração, conservaram pela ação dos Apóstolos e da sucessão apostólica ininterrupta o sabor de Verdade, oriunda dos lábios de Jesus:

*As coisas reveladas por Deus, contidas e manifestadas na Sagrada Escritura, foram escritas por inspiração do Espírito Santo. Com efeito, a santa mãe Igreja, segundo a fé apostólica, considera como santos e canônicos os livros inteiros do Antigo e do Novo Testamento com todas as suas partes, porque, escritos por inspiração do Espírito Santo (Jo. 20,31; 2 Tim. 3,16; 2 Ped. 1, 19-21; 3, 15-16), têm Deus por autor, e como tais foram confiados à própria Igreja. Todavia, para escrever os livros sagrados, Deus escolheu e serviu-Se de homens na posse das Suas faculdades e capacidades, para que, agindo Ele neles e por eles, pusessem por escrito, como verdadeiros autores, tudo aquilo e só aquilo que Ele queria (DV 11).*

## CRONOLOGIA HIPOTÉTICA DA FORMAÇÃO DOS EVANGELHOS

O 1.º período é constituído pelo próprio Jesus. Jesus não escreveu, Ele anunciou efetiva e oralmente a Verdade, através dos caminhos da Galileia, da Samaria e da Judeia, reunindo à sua volta um grupo de discípulos (Apóstolos) a quem iniciou nos mistérios do Reino dos céus (Mt 13,11).

O 2.º período tem o seu início depois da Morte e Ressurreição de Jesus. Depois da desilusão (Lc 24,18-21) e do medo (Jo 20,19-23), os Apóstolos, com a força do Espírito do Pentecostes (At 2,1-13), lançaram-se no anúncio da mensagem do Mestre, com a urgência do anúncio do Reino. Rapidamente se formaram muitas comunidades cristãs, tanto na Palestina como nas cidades do Império. Este 2.º período, ou primeira geração cristã, vai dos anos 30 a 70 d.C.

O 3.º período é constituído pela segunda geração cristã, ou seja, os sucessores dos Apóstolos e de outras testemunhas oculares de Jesus. Cada um deles tinha deixado mais marcada alguma tradição acerca de Jesus; agora, juntam-se as diferentes "tradições" para fixar a memória do Senhor. Este período vai dos anos 60 a 100. É neste período que aparece a redação definitiva dos Quatro Evangelhos.

A tonalidade própria de cada um desses Evangelhos, a nível literário e teológico, faz com que eles sejam semelhantes, mas também diferentes entre si. Essa tonalidade tem origem no estilo de cada evangelista e na intenção teológica nascida da Tradição das Igrejas Apostólicas.

**PADRE PEDRO PAULO A. SANTOS**  
DOUTOR EM TEOLOGIA BÍBLICA  
pedosantos@gmail.com



# TERÇO DA MISERICÓRDIA

De segunda a sexta às 15 h.

Agendamento e informações através do email:  
[tercodamisericordia@radiocatedral.com.br](mailto:tercodamisericordia@radiocatedral.com.br)

**CATEDRAL**  
FM 106,7



ANIMADORA PAROQUIAL

10/11 - Luzilmar Abreu de Souza

AMIGOS

8 DE NOVEMBRO

São Deodato

- Adair Fernandes Guerra
- Allan Moreira da Silva
- Ana Maria F. Ramos Gomes
- André Gustavo Monteiro Borges
- Ângela de Freitas Macário
- Ângela Maria da Silva Antero
- Ângela Souto L. Freitas Macário
- Angélica Fonseca Ramos
- Antônio Barbosa de Sousa
- Arline Fernandes Cassane
- Carlos Renato Frambach
- Carlos Severino Clink Junior
- Dalva dos Santos Reis
- Dalva Nascimento de Hollanda
- Domenica Sola
- Edson Domingos de Sousa
- Eliene Felix de Oliveira
- Elizabeth T. Moraes dos Santos
- Erenilce Custodio da Silva
- Esmeralda Clara da Silva
- Eunice José de França Oliveira
- Fernando C. Silva Rezende
- Francisco Alves Camelo
- Genilcon Lima Rodrigues
- Gessy Rocha Faria Pereira
- Glória Regina F. Santos
- Haydee Ramos El Hariri
- Ilda Azeredo Braga Menezes
- Joanita Bernardo F. Cruz
- José Carlos Souza Rosário
- José da Silva Costa
- José Henrique Gonçalves Correia
- José Silva de Sousa
- Ledir Ribeiro de Andrade
- Lucia Ferreira
- Marcia Aparecida Guimarães
- Maria Cristina Simas Koester
- Maria da C. Silva Lobato
- Maria das Graças A. Santos
- Maria das Graças Silva Macedo
- Maria das N. Luz Conceição
- Maria do Socorro Braga de Brito
- Maria do Socorro O. Silva
- Maria Elias Alves da Silva
- Maria Nazet Farias de Lima
- Maria Sueli da Silva
- Maria Thereza Rosa de Jesus
- Marieta Merce de G. Silva
- Marli Moreira dos Santos
- Neuza Maria de Mendonça
- Ondina da Cruz Silva
- Rosa Esmeralda Pimenta Neto
- Rosangela de Souza Juliano
- Silvia Alice Coutinho Martins
- Sônia Gomes Antunes
- Sonia Maria Buitrago Degani
- Suely Camara Vieira
- Terezinha de J. Santos Ferreira
- Valdir Ferreira
- Vera Lucia de Assis Vieira Lima

9 DE NOVEMBRO

São Teodoro

- Abel de Almeida
- Adélio Alves de Andrade
- Adriana Aparecida Marques
- Adriana Ferreira Ribeiro da Silva
- Agripina Alves dos Santos
- Alberto Sidney Teixeira da Silva
- Ana Claudia Teixeira
- Ana Maria Andrade dos Santos

- Ana Maria Maximiliano Leal
- Ângela Sá D’Almeida
- Anita Maria de Souza Barbosa
- Antônio Rodrigues da Conceição
- Antônio R. Oliveira Neto
- Cecília M. P. Almeida Peixoto
- Claudia Tavares de Souza
- Dirceu Antônio Rocha
- Eliana Maria da Mata Silva
- Eurivaldo Alves Barbosa
- Fátima Flores Santiago
- Inês Serra Pedote
- Irene Gomes Dias
- Ivete Maria de Oliveira Rangel
- Jaira Nunes Vianna
- Jane Branco de Almeida
- Janete Alves Ventura
- Janette Alves Ventura
- João José Manzoni Ramos
- Joel Fernandes da Silva
- Jorge Catharino de Almeida Luz
- José Otavio de Souza Bezerra
- Lucinea Teixeira da Cruz
- Manoel Daniel da Silva
- Margot Costa Lima Natal
- Maria da Penha Moraes Fidelis
- Maria das Graças Viana
- Maria Isabel das V. Augusto
- Maria L. Souza Limas Freire
- Marilene dos Santos Menezes
- Marinalva R. Santos de Souza
- Marinete Lucas Oliveira da Silva
- Mario Lucio Ferreira da Silva
- Mirtes Vale Elenterio
- Nilza Safrá da Silva
- Paula Frassinetti Lima da Silva
- Regina Célia de Assis Gonçalves
- Rita de Cássia da Silva Machado
- Sandra Helena C. Gonçalves
- Sueli Vieira da Costa Rocha
- Zélia Maria dos Santos Moraes

10 DE NOVEMBRO

São Leão Magno

- Ana da Silva Marques
- Ana Maria Canegal
- Carlos André B. Nascimento
- Celina Luiz da Silva
- Chrisley Nisholsn Chagas
- Claudia de Souza Saldanha
- Claudineia Lage
- Damiana Sales de Jesus Souza
- Dulcinea dos Santos
- Edith Calcerrada de Oliveira
- Eny de Assis Sá
- Francisca Neide M. Souza
- Germano Augusto Costa
- Glauce de F. A. Silva Cavalcante
- Heloisa Helena Soares da Costa
- Henrique Dante Fantappie
- Hermengarda P. Mello Santoro
- Janir Ferino da Rocha
- Josefa Laurentino de Souza
- Kilza Maria Mendes
- Lizette Ferreira da Silva
- Lucia Cristina Teixeira S. Oliveira
- Luzimar Abreu de Souza
- Marcio Ari Machado Campos
- Maria Alcinea Andrião Trotta
- Maria Cristina Reis de Souza
- Maria da P. Almeida Martins
- Maria das Graças P. Silva
- Maria de L. Silva Pereira
- Maria de Oliveira Simões
- Maria do Rosário de Souza
- Maria Helena Tortora Moraes
- Maria Isabel dos Santos
- Maria José Belmino de Souza

- Maria Marins Ribeiro
- Maria Rosa da Silva
- Maria Teresa de Oliveira Gaspar
- Maria Tereza da S. Peixoto
- Marta Moreira de Albuquerque
- Nelcy de Souza Ranhel
- Patrícia Cristina O. Souza
- Rosa Lupe Paz Inocente
- Rosangela Oliveira Rodrigues
- Rouzcier da P. Freitas Murialdo
- Sandra Lucia Ibraim Balbino
- Sebastião do Nascimento
- Sônia Maria Alves da Silva
- Sônia Maria de Pinho Souza
- Sônia Maria Neves da Silva
- Sonita Moreira
- Terezinha Paulina da Silva
- Vania Mara Tavares Pinto
- Vanuza Marinho Carvalho
- Viviane Marcondes Laranja
- Wilma Barros Paiva
- Zilda Santanna Soares

11 DE NOVEMBRO

São Martinho de Tours

- Alena Xavier de Oliveira
- Aline Pereira Pires dos Santos
- Ana Lucia Nogueira da Silva
- Ana Maria Concas da Silva
- Antonio Carlos Lindoso Miranda
- Aramis Gonçalves de Souza
- Carlos E. Miranda Ferraz
- Cícera Silva dos Santos
- Cristiane da Cunha Esteves
- Efraim Teixeira de Souza Filho
- Eliana A. G. Rodrigues Vidal
- Elza de Aquino Louveiro
- Iara Silvia Eronides da Silva
- Iracema dos Santos Oliveira
- Irene Cordeiro da Silva
- Irene Viana de Oliveira
- Ivone de Oliveira Lima
- Joir Carlos Silva Martins
- Judas Tadeu da Silva
- Leda Ramos de Moura
- Luci Guimarães Gomes
- Luiz Carlos Ribeiro Campos
- Magali de Mattos F. Silva Melo
- Marci Maria da Silva Monteiro
- Marcia C. Conceição Dias
- Maria Conceição da Silva
- Maria das Graças F. Marques
- Maria das Graças Rodrigues
- Maria de Fátima Barros
- Maria de Lourdes Nicolau Silva
- Maria Regina Carvalho
- Maria T. Cesar Mello Froes
- Nancy Barcellos da Luz
- Nilcea Vieira Almeida
- Quiteria Ferreira da Silva
- Regina Fusco da Silva
- Rodrigo Jerônimo de Souza
- Rute Batista Silva
- Sueli Pixinine Pereira
- Tereza Pereira de Souza

12 DE NOVEMBRO

São Josafá

- Ana de Fátima Esteves Branco
- Ana Maria Marques Lopes
- Audemisse Silva do Nascimento
- Célia Brandão Brito
- Cesira Souza e Souza
- Cintia do Carmo Baroni
- Claudia Raimunda Ferreira
- Cosma Januario de Lima
- Dulcineia Cruz dos Santos
- Edilson Duarte de Lima

- Elaine Machado Conde
- Elane de Castro Leite Ferreira
- Eliazar Medeiros Campos
- Enid de Souza Moreira
- Eunice dos Santos Pinto
- Heros Lima Bastos
- Iglezia Rodrigues da Silva
- Ilma de Araujo de Oliveira
- Iracema Freitas Hipolito
- Irene C. Carvalho e Silva
- Janaina da Silva Santos
- Janilda Manuel Evangelista
- Joanita Cavalcante Junior
- Laura Jane Messias Belem
- Liliane da Silva Martinho
- Luciene A. Oliveira Mendes
- Lucina dos Santos Maria
- Luzia Taciano
- Lyette A. Silveira Rocha
- Manuela de Andrade Baptista
- Marcos Felix de Souza
- Maria da G. Santos Fernandes
- Maria das Gracas F. Santos
- Maria de Fátima Azevedo Reis
- Maria de Lourdes B. Neves
- Maria de Lourdes de Sousa Lima
- Maria de Souza Carvalho
- Maria do Carmo de Mello Luiz
- Maria Helena B. Santos
- Maria Iracy Barbosa Thomáz
- Maria Isabel de Siqueira Lemos
- Maria Martinha de Souza
- Marilena Bandeira Goncalves
- Marinete Lani Campos
- Marli Borges Pereira
- Marly Correa Guimaraes
- Marly do Carmo Lopes da Silva
- Monica Zaidan Gomes
- Nadir dos Santos da Silva Neves
- Neide Alves da Silva
- Nilza Chagas Pavezi \*Sem Tel
- Nilza Soares da Silva
- Paulo Roberto B. Barbosa
- Priscila de Souza Velloso
- Rodrigo Gastalho Moreira
- Sandra Regina Alves e Silva
- Sandra Regina Macedo da Costa
- Severino José de Sales
- Tania Mara Rodrigues de Brito
- Vania Maria Monteiro da Silva
- Vivaldo das Virgens Cruz
- Zelma de Souza Santos Antunes

13 DE NOVEMBRO

São Diogo

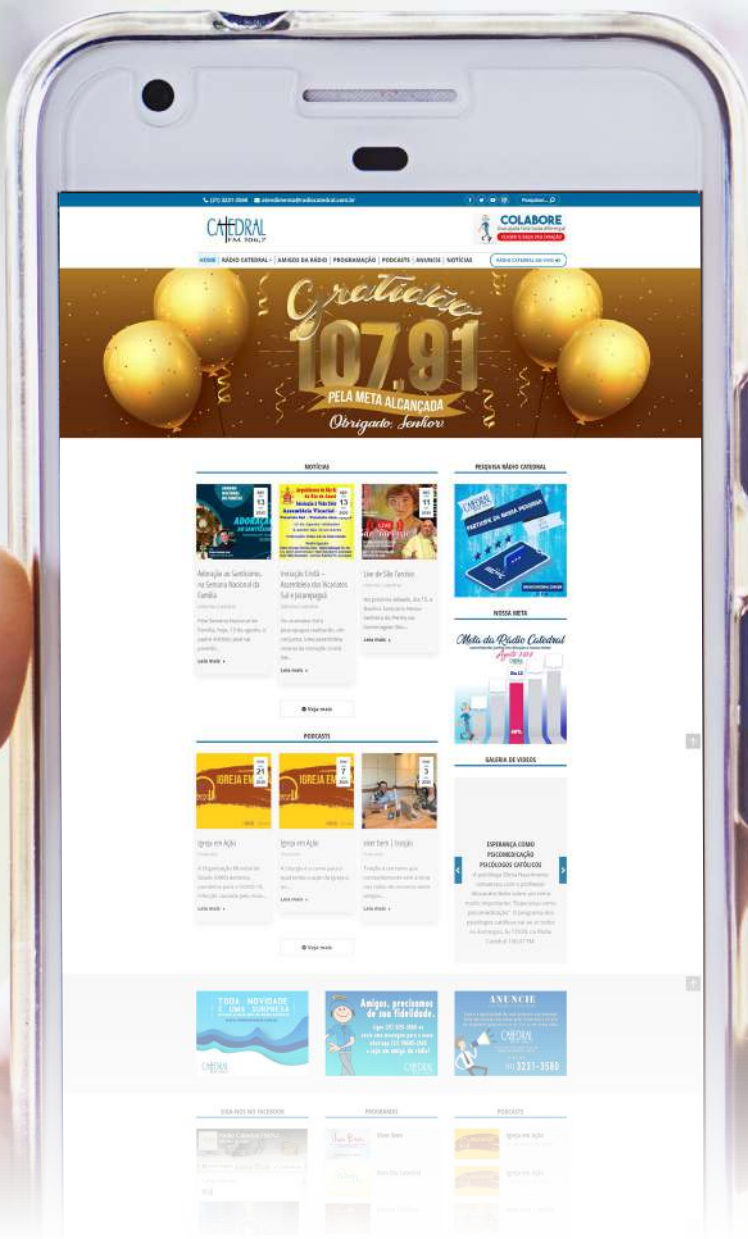
- Aimee Rodrigues da Silva
- Alvaro Lopes da Silva
- Amaury de Menezes Santana
- Andrea da Silva Copelli
- Andrea dos Santos Processy
- Antonio Alves de Andrade Filho
- Braz de Novaes Muniz
- Cecilia de Freitas Machado
- Cecilia Rodrigues Pena
- Clarice Soares
- Clarisse Domingos da Silva
- Creusa Oliveira de Brito
- Dilma Gonçalves da Silva
- Edson Afonso de Souza
- Eliene Ferreira da Silva
- Eliseu Bauer Barbosa de Barros
- Elza Rosa Correa \*Em Memória
- Elza Souto
- Francisca N. Castro Fernandes
- Francisco Antonio de Oliveira
- Geni Rodrigues de Souza
- Giane Rose de Oliveira Alves
- Gilzimar dos Santos

- Haroldo da Silva Braz
- Iracy Rangel Duarte
- Lindamira Santiago Saldanha
- Lionezia de Paulo Almeida
- Luzinete Albuquerque da Silva
- Manuel Jorge de Freitas Simoes
- Marcio Vitorino da Silva
- Maria Armanda P. M. de Souza
- Maria A. C. P. do Nascimento
- Maria Celina Araujo de Freitas
- Maria da C. Souza Oliveira
- Maria da Gloria Rebello
- Maria das G. Oliveria Silva Coelho
- Maria Eremita Alves da Fonseca
- Maria H. O. Martinez Malvar
- Maria Helena Milione
- Maria Inez Pacheco Schlosser
- Maria Ivone A. Dantas Costa
- Maria Lourenço
- Marinalva Menezes de Oliveira
- Maristela de Moura Antônio
- Martinha dos Santos Araujo
- Neide Maria de Souza
- Nilza Nogueira Cordeiro
- Paulo Roberto A. Fernandes
- Regina Celi de Oliveira
- Rita de Cássia Campista Chagas
- Rita de Cássia Dias Marinho
- Rosa de F. Paula de Andrade
- Sandra Conceição Alves da Silva
- Severino Francisco de Souza
- Sigrid Marques da Silva Castro
- Tania Maria R. Souza de Souza
- Vera Maria Carlos
- Vilma Maria Fernandes

14 DE NOVEMBRO

São Lourenço O’Toole

- Ana Luiza da Silva Fenelão
- Arlete Lopes Ribeiro
- Aurea Franco Oliveira
- Benedita de Paulo A. de Souza
- Cristiane de Mello Laman
- Edileusa Santos do Nascimento
- Edmilson Bernardo da Silva
- Edna Rodrigues de Melo
- Eduardo da Silva Benevenuto
- Elisio Marra Neto
- Elmo Irade Rosa
- Fábio Luiz Araújo da Rocha
- João Carlos Moreira Rodrigues
- Jodila Barboza Brito
- José Benevenuto da Costa
- Juan Benigno Cavalcante
- Lucia Barbosa de Lima Viana
- Lucia Costa Silva
- Luiz Claudio do Carmo Silva
- Manoel do Carmo Medeiros
- Manoel Gomes da Silva
- Marcos Antônio S. da Silva
- Maria Célia Marques da Silva
- Maria das Graças R. Oliveira
- Maria Feliciano de Almeida
- Maria Helena de Souza Coelho
- Maria Inês Balbino de Freitas
- Maria Lijoneide T. de Lima
- Maria Ribeiro Santos
- Marilene D. A. D. Oliveira
- Norma Souza Sequeira Pereira
- Patrícia Elisia M. S. de Freitas
- Regina Maria Rocha da Silva
- Rosely Moniz da Silva
- Rosilda de Lima Silva
- Sylvia Regina Silva de Oliveira
- Teresa de Jesus da Silva e Silva
- Therezinha da Cruz Millul
- Verônica Maria N. Tapajos
- Zeni Rosa da Silva Cunha



*Indique um Amigo*

**VOCÊ, QUE É UM  
AMIGO COLABORADOR  
DESTA OBRA DE  
EVANGELIZAÇÃO,  
INDIQUE UM AMIGO  
PARA FAZER PARTE  
DESTA FAMÍLIA.**

**ABRACE ESTA IDEIA E**

**LIGUE:**

**(21) 3231-3560**

# Atualização de Cadastro

**Amigos, precisamos de vocês**

**Faça sua atualização cadastral**



 Tel: (21) 3231-3560

 Wpp: (21) 96611-4451

 E-mail: [atendimento@radiocatedral.com.br](mailto:atendimento@radiocatedral.com.br)

 Rede Social: [fb.com/catedralfmjrj](https://fb.com/catedralfmjrj)